

histórias de Lugares & Distantes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lugares & Distantes

Lugares

Distantes

p

Organização:

Daniel Cavalcante

Jonathan Cordeiro Cavaca

Revisão:

Willian Marinho

1ª edição

Rio de Janeiro

2011





A obra Lugares Distantes de Infitum Libris foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 Não Adaptada.

Com base na obra disponível em www.editorainfinitum.com.br/antologia-lugares-distantes.

Podem estar disponíveis permissões adicionais ao âmbito desta licença em <http://editorainfinitum.com.br/>.

Índice

[Selvagens](#)

[Encontro em Família](#)

[Crianças na Estrada](#)

[Gato no Muro](#)

[Aprisionada](#)

[A Casa](#)

[O caso da fera de 100 olhos](#)

[O Vampiro da Floresta](#)

[Relato de um irmão Inexistente](#)

[Praga Noturna](#)

[O Ponto Perdido](#)

[Não, não era...](#)

[Lágrimas de Crocodilo](#)

Selvagens

Valentina Silva Ferreira

Valentina Silva Ferreira nasceu a 17 de Dezembro de 1988, na ilha da Madeira, Portugal. Aos 17 anos foi para Coimbra, onde licenciou-se em Direito. É colaboradora da revista on-line Magazon. Participa em algumas antologias da Editora Estronho.

<http://editora.estronho.com.br/index.php/autores/268-valentina>

<http://magazon.netmadeira.com/autor/valentina-silva-ferreira>

TODOS OS DIAS, àquela hora, escovava os lindos cabelos pretos em frente ao espelho. Queria-os brilhantes e sedosos. Aplicava os cremes hidratantes no rosto e seguia em direção à cama, na sua camisa da noite esvoaçante, de seda, em tons pérola. A cama era digna de uma rainha, com um dossel azul que a aconchegava como se estivesse por debaixo de um lindo céu, em noite de luar. Alice não trabalhava pois os pais haviam deixado uma herança suficientemente abundante para as gerações seguintes. Alice vivia para si própria, rodeada de empregados e de caprichos. Era solteira e não se lhe conheciam namorados. Havia um ou outro que, de quando em quando, apareciam na mansão e lhe levavam flores mas Alice, sempre muito simpática e gentil, aceitando-as, fazia o cavalheiro perceber que ela não estava pronta para uma relação séria. Com 38 anos, Alice apenas se preocupava com a sua beleza. Não queria mais nada que não fosse conservar e acentuar a sua invejável formosura.

Bá e Cá nunca viram a luz do sol. Eram medonhos, com a pele quase transparente porém coberta de sujidade e os olhos esbugalhados e pretos. O cabelo davalhes pela cintura e andavam nus, exibindo uns corpos mirrados e pouco desenvolvidos. Movimentavam-se dobrados sobre si próprios, aos pulos e não falavam. Comunicavam através de gemidos e guinchos, os únicos sons que lhes eram familiares, vindos da única companhia que conheciam, as ratazanas. Os seus dias eram repetidos, um após o outro. Não sabiam quando era dia ou noite. Viviam na escuridão há mais de uma década. Dormiam doze horas, deambulavam outras doze. Bá, a rapariga, tinha 13 anos e uma memória perspicaz. Lembra-se de ter sido bebé e do cheiro de sândalo que a mãe carregava no peito cada vez que a dava de mamar. Cá, o rapaz, perdera toda a sua condição humana e vivia como um animal. Bá era inteligente e não deixara a escuridão apagar as recordações que tinha. Um jardim grande e iluminado, o rosto bonito da mãe e a delicadeza dos lençóis que a cobriam. Acordava e ajeitava os cabelos da melhor forma possível. Brincava com o irmão, numa versão animalesca de esconde-esconde e preparava as refeições o melhor que conseguia. Nas restantes horas vagas, descobria novos insectos ou conversava com as suas amigas imaginárias. Cá era mais sossegado. Não conhecera a mãe nem os luxos da vida. Sofria de graves doenças nos ossos e começava a perder o cabelo fraco que tinha.

Alice era invejada por toda a cidade. Aparecia nas revistas sociais, nos jornais e programas televisivos. Nenhuma outra mulher a igualava em termos de beleza, elegância e amabilidade. Os homens queriam-na para esposa, as mães dos homens desejavam-na como nora e os órfãos sonhavam com uma madrasta daquelas. Alice era um sonho de mulher. A casa onde vivia era enorme, constituída por imensos quartos e salas. Estava sempre cheia de empregados, de visitas, de comemorações, de galas e eventos. Alice era

a melhor organizadora de festas e nunca ninguém perdia uma ida àquele palácio mágico.

Bá e Cá alimentavam-se de frutas, pão e carne seca que apareciam, dia sim, dia não, numa cesta de vimes à entrada do seu território. Por vezes, até, tinham o privilégio de provar bolos de chocolate e noz. A água e o leite surgiam todos os dias, juntamente com uma vitamina que eles devoravam pela sua doçura. Bá era a responsável pela disposição dos alimentos no chão imundo. Cá ocupava-se da caçada de um rato, por dia. A carne seca não era do seu agrado pois era de difícil digestão. Preferia a maciez da carne de rato que Bá, com a prática, aprendera a pelar e a temperar com formigas salgadas. A irmã era menos selvagem, mais dada aos requintes e, por isso, optava pela carne que lhe ofereciam. Eles não sabiam ao certo quem seria o portador daquela cesta básica mas não tencionavam descobrir. Os terrenos para lá do seu território eram demasiados iluminados e aquela luz que desconheciam queimava-lhes a pele e feria-lhes os olhos.

Celeste trabalhava naquela casa há quase tanto tempo quanto a sua própria vida. Tratava das refeições, comandava as outras empregadas nas suas tarefas e preparava, todas as manhãs, uma cesta que a sua querida patroazinha pedia. A velha senhora, católica convicta, idolatrava aquela tão boa moça que todos os dias carregava comida para os mais carenciados. Alice fazia-o todos os dias, bem cedo. Banhava-se com água de rosas, vestia um elegante conjunto, tomava o pequeno-almoço na grande mesa repleta de delícias e partia com a cesta no braço. Cobria os cabelos com um lenço branco. Dizia que não queria que as pessoas a reconhecessem pois já era suficientemente famosa. Se soubessem que Alice era dada a ações de solidariedade nunca mais a largavam. Celeste venerava tanta humildade que a sua patroa de coração doce tinha dentro de si.

Um dia, descobriram esse pequeno segredo e Alice deixou de carregar, todas as manhãs, o cesto para os mais carenciados. Não queria mais atenções de que aquelas que já tinha. Era vaidosa, é certo, mas precisava de tranquilidade. Assim, Celeste deixou de preparar a cesta com frutas, pão e carne seca. Alice contava que alguém ajudasse aqueles que ela deixava de prestar auxílio agora, ou então, que eles já fossem suficientemente crescidos para darem a volta por cima. Era isto que ela dizia a Celeste que suspirava como se ouvisse uma história romântica.

Bá e Cá deixaram de receber alimentos. Cá caçava todos os dias os ratos que eram seus amigos. Bá sofria com a morte dos pequenos animais mas a fome era mais forte. Saciavam a sede nas infiltrações que iam sucedendo aqui e ali. Em pouco tempo, ficaram doentes. Os ratos provocaram uma enorme infecção nos estômagos de ambos e Bá, a inteligente, decidiu que era hora de passar as linhas do seu território e conhecer o mundo lá fora. Amparou o seu quase morto irmão em uma parede e pediu aos ratos que sobrassem para o agasalharem. Atravessou o carreiro estreito e baixo que ligava os três espaços em que habitavam. Sentiu o cheiro de fezes e urina que vinha do compartimento que usavam para fazer as necessidades. Passou pelo cubículo que utilizavam para comer. Estranhamente, aquela rapariga com aspecto asqueroso tinha tornado o buraco onde estavam aprisionados numa pequena casa, inabitável é certo, mas ainda assim uma casa. Alcançou a linha de separação e encostou o ouvido à parede. Não ouviu nada. Aproximou-se do buraco na parede e reuniu todas as forças que lhe sobravam para empurrar o móvel

que estava em frente. Conseguiu o suficiente para passar e, com algum medo, enfrentou a pouca luz em que aquele quarto estava mergulhado. Era um quarto de criança, com objectos que ela desconhecia mas que, de alguma maneira, não lhe eram assim tão estranhos. Farejou o ar em inspirações constantes e não reconheceu o cheiro. Pegou nos vários brinquedos e olhou-os com espanto num misto de curiosidade de quem conhece as maravilhas da vida pela primeira vez. Sentou o rabo despido no chão bem mais limpo que aquele que usava e abraçou a boneca de trapos mais bonita do mundo.

Ao mesmo tempo, Celeste contava a Firmina, uma mexeriqueira que trabalhava ali perto, a vida da sua patroazinha querida. Alice tivera, em tempos, um marido que amava. O jovem moço queria constituir família e a garota de tudo tentara. Porém, problemas no útero fizeram-na perder duas crianças. A primeira, uma menina, nascera muito fraquita, aguentando apenas os primeiros meses de vida. O rapaz, pouco tempo depois, nasceu morto e Alice caiu numa depressão profunda. O marido, desgostoso com tanta perda, abandonou Alice e partiu em busca da felicidade com outra mulher. Celeste ressaltava a força e coragem daquela mulher que dera a volta à situação e explicava a Firmina que era essa a razão pela qual Alice não queria homens na sua vida. Tinha sofrido uma enorme mágoa e agora só queria paz. Firmina abria a boca em expressões de espanto enquanto a velha amiga contava aquela história inacreditável e tecia comentários elogiadores.

No quarto de criança, Bá balançava o corpo para a frente e para trás, agarrada à boneca que carregava o cheiro a sândalo que lhe havia ficado preso na memória todos esses anos. Não se apercebeu, de imediato, a entrada de Alice que a mirava com uma expressão de ódio. A rapariga assustou-se com a visão daquela mulher metida dentro de um monte de tecido mas Alice agarrou-a com força. Bá estava fraca demais para escapar. Alice arrastou-a para dentro do buraco e continuou até encontrar Cá, praticamente moribundo, rodeado por ratos. A imaculada Alice nem se importou com o cheiro de estrume e podridão que deambulava por ali. O que mais lhe custava era enxergar alguma coisa mas logo habituou os seus olhos verdes à escuridão. Pegou na cabeça de Cá e esborrachou na parede. O som de crânio quebrado assustou Bá que tremia de aflição. Alice pegou na cabeça da rapariga e repetiu a mesma cena. Voltou pelo mesmo caminho, saltou o buraco e tapou-o para sempre. Já o deveria ter feito mais cedo. Não foi muito inteligente da sua parte fingir a morte dos filhos e mantê-los vivos dentro das paredes da sua própria casa. Agora, sim, podia ser feliz sozinha. Sem homens, sem crianças, sem pessoas que precisassem dos seus sentimentos. Alice só tinha capacidade de amar uma pessoa. Ela própria e mais ninguém.

— Está vendo, Firmina, como a minha patroazinha é a melhor mulher desta terra? — disse Celeste, parecendo uma criança que briga com a outra sobre quem é a mãe mais bonita. — E olha, após estes anos todos eu ainda vejo a patroazinha chorar pelos cantos pela Bárbara e pelo Catarino. Coitada da minha patroazinha — fungou, mexendo o caldo de peixe que preparava para o almoço.

Encontro em Família

Thomé de Oliveira

Thomé de Oliveira nasceu em São Paulo, em 1974. Aos quinze anos começou a escrever para uma revista de aquarismo. Os aquários se foram, as palavras ficaram. Formado em Letras, Thomé escreveu vinte e seis curtas-metragens já produzidos e exibidos, foi premiado em nove concursos literários e escreveu os romances Até o fim do dia (Alley Editora, 2007) e A casa iluminada (Benvirá, selo da Editora Saraiva, no prelo).

thomefish@hotmail.com

ESTRANHO COMO A lembrança me vem assim, de repente. Há algo de muito errado com ela. Ou será impressão minha? Vai ver é algo que vem de todo o restante de minha vida, que não passou de uma sucessão de erros.

Um ladrão, um assassino, um invejoso. Seja como for, sempre fui um pecador, e dos bons. Mas por que nunca pensei nisso antes? E por que essa estranha lembrança me vem à mente agora?

Eu nasci de minha mãe, esposa de meu pai, homem coxo, que vem agora me trazer essa lembrança de uma história contada por ele.

Dizia ele contar doze anos de idade quando aconteceu. Nessa idade de meu pai, contada há muito tempo, os homens deveriam estar criando mais cidades e gentes do que as que Deus poderia prover. Talvez mais pecados, sei lá. Mas meu pai não estava muito preocupado com nada disso. O que interessava ao menino de então era outro tipo de pecado, aquele do qual sua idade não o permitia escapar. Se perguntassem a ele qual o nome daquele pecado, ele diria "Mariquinha", que, na verdade, era seu Paraíso. Mas ele era domado por meu avô. Então, se o velho dizia que Mariquinha era o oitavo pecado capital, meu pai acatava e depois a catava.

Ele e sua pinga. Meu pai e sua pinga. Claro que não com doze anos. Agora, sim. Coragem para encarar o que ele queria esquecer e que aconteceu numa das noites de seus doze anos.

Vinha da casa de Mariquinha, claro, mas jamais diria isso ao meu avô. O feijão ainda se confundia com o mato, que deveria morrer pelas mãos daquele menino meu pai, e esse mato faria mais vistas, porque o rapazinho largou tudo pra lá e passou o dia com sua amadinha. E quando a noite foi chegando, meu pai ainda não havia pensado em uma desculpa para o trabalho não feito.

Aqui, neste ponto da história, me lembro perfeitamente, meu avô sorri um sorriso nervoso. "Praga de moleque dos infernos."

Com a noite já dona do mundo, meu pai tinha que ter alguma boa história para explicar o feijão cheio de mato e a hora tardia em que chegaria em casa, e quem lhe proveu a primeira desculpa foi Lisa, a mula velha que era seu meio de transporte. O menino meu pai pegou a enxada e, sem cerimônia, lançou-a a uma das canelas da mula. Nada muito profundo, porque ele gostava da bichinha. E aí está.

"A Lisa se cortô num arame, e eu levei a pobrezinha até o rio, pai, que era pra lavá a ferida e ela num precisá de ser matada. Mas é muito longe, pai. E amanhã sempre é outro dia, né? Pra nós e pros feijão."

E então era só pegar a estradinha de terra, a pé. A Lisa ficou lá, coitada, no pasto do sítio da Mariquinha. Desculpas para o pai dela também.

Agora, aqui, como a história entra naquilo que meu pai não gosta de lembrar, ele

dá um trago maior na cachaça.

O breu estava por todos os lados, inclusive pelo céu, que não jogava uma estrelinha sequer sobre aquele mundão. Só a lua era algo que não linhas mais escuras do que a própria escuridão, e só aparecia como se fosse um fantasma acima das nuvens. A luz difusa descia para desenhar na terra quase invisível o que eram todos os homens. Sombras. Sim, sim. Os meninos também. E vinda das costas, como todo mal que, sendo covarde, vem, a parca luz batia no lombo e espichava a sombra, que chegava sempre à frente, mas se recusava a ser alguma proteção. Naquele tempo, e por aquelas terras esquecidas, todas as assombrações eram cabra macho. Até a noiva morta de olheiras roxas e algodão no nariz que, dizia-se, esperava por seu noivo todas as noites em todas as porteiras do mundo, até ela era cabra macho... naquele tempo. Mas como eu dizia, existiam muitos perigos por aquelas terras, e todos eles se aproveitavam das sombras.

Meu pai assobiou. A alegria da tarde só poderia ser lembrada depois. Agora, andando sozinho pela noite em meio ao sertão, tudo eram temores. O assobio vinha para tentar enfeitar de alegria o medo. E como se não bastasse aquele medo gelado que tomava a atmosfera ao redor de meu pai, ele, o menino mentiroso, ainda tinha que se preocupar em não deixar escapar nenhum detalhe naquela lorota que ele contaria ao meu avô.

Agora meu pai é interrompido por um grunhido de meu avô, que retoca o penteado de seu bigode branco.

Caramba! Como me lembro bem disso! Mas por quê? Por que essa lembrança me vem agora? E meu pai dando outro gole... É tão nítido em minha memória.

Meu avô tinha um cinto de couro feito por ele mesmo, e o que mais causava medo desse cinto era o fato de o velho ter tirado a tira de couro da vaca ainda viva. "Porque coisa viva é que dá medo e que machuca". Quanto mais meu pai se aproximava de sua casa, mais gritante se tornava a necessidade de ser boa a desculpa para seu atraso e para o feijão não carpido. Isso o fazia se esquecer dos fantasmas e de todo tipo de assombração que, sabemos, habitam esses pedaços de mundo isolados. Mas talvez as assombrações não queiram ser esquecidas. Por isso, ou para lembrar meu pai de sua condição humana, uma dessas assombrações apareceu bem à sua frente.

Já havia um punhado de passos que ele estava entre um vasto canavial. Havia se esquecido de sombras e de tudo o mais, pois agora o caminho ladeava umas bandas esquecidas pela lua embaçada. Até que uma curva virou as costas para a lua novamente, e meu pai pôde ver sua sombra se esticando à sua frente e se deformando sobre algo deitado bem no meio da estradinha de terra, tomando a passagem de um lado a outro. O menino meu pai parou, tendo as tripas a se liquefazer dentro do corpo. Era um caixão. Um caixão de defunto desses que não embelezam nenhum tiquinho a morte. Só um ataúde de madeira grosseira com seis alças deitado sobre dois cavaletes.

O menino ficou parado, congelado, completamente impossibilitado de se mover. E sua letargia era tão desgraçadamente grande, que ele julgou que não haveria nada a ser feito e que aquele seria o seu caixão, onde ele seria enterrado, pois só podia já estar morto. Mas um vento repentino soprou. Apenas uma lufada, um bafo quente de um segundo que jogou um punhado de areia seca sobre a tampa do caixão e que levou uma

folha de cana a acariciar o rosto de meu pai.

A letargia se foi, e o menino correu. Deu as costas para o caixão e correu. Já não sabia se chorava de medo ou pela poeira que lhe enchia os olhos. E foram tantos passos grosseiros sobre a estradinha seca, que suas pernas começaram a doer. A dor foi dando lugar à raiva. A dor foi dando lugar a outro medo.

“Porque coisa viva é que dá medo e que machuca.” Sempre a acariciar aquele cinto que limpava até o pecado mais imundo.

— E procê vê como eu era cabra macho mesmo quando era ainda um fiotão — me diz meu pai, contando a história —, eu decidi encarar aquele caixão dos inferno.

Estranho! Eu não me lembro de um dia, antes de agora, ter me lembrado de meu pai me dizendo isso.

O fato é que ele voltou, e lá estava o caixão, impedindo a passagem. O menino pensou em simplesmente pedir licença para o caixão, mas pensou também na possibilidade de aquilo tudo ser uma brincadeira de alguém. Temendo passar por covarde, meu pai simplesmente foi até o caixão e estendeu a mão, a fim de empurrá-lo para a beira da estradinha. Mas o ataúde arrastou-se para trás, e com uma voz que parecia vir repleta de histórias do mundo, disse:

“O limite do homem é a natureza que eu carrego. Você pode escolher aceitá-la e morrer como um homem, ou pode querer sobrepujá-la e morrer como um escravo. Aceite-me como um limite, aquele de quem você deve fugir, mas do qual jamais escapará.”

Meu pai não entendeu tais palavras. Como a ignorância é o combustível de qualquer ação, o menino meu pai temeu o que ele conhecia, o cinto de meu avô, e permaneceu descrente em relação a qualquer aviso sábio do caixão-profeta. Juntou a isso a certeza de que coisa boa não poderia vir daquele encontro e chutou o caixão, derrubando-o no chão.

O mundo tornou-se um rabisco negro, de tanto que o menino corria, porque atrás dele o mundo era também o som de todos os pecados. Ao olhar para trás, meu pai viu Satanás, enfeitado de um carnaval risonho, arrastando atrás de si uma corrente de desgraçados em chamas. As almas gritavam palavras antigas, do tempo em que pecaram.

Neste ponto do relato, meu pai sempre se arrepia e dá outro longe gole na cachaça, porque ele diz que o Diabo piscou-lhe um olho vazado e ofereceu-lhe uma cama fria.

“Mas durma embaixo dela”, foi o que disse Satanás. E passou por ele.

Da corrente de desgraçados, uma velha com as vísceras expostas cuspiu-lhe uma bola de catarro que lhe acertou a coxa direita, e essa, segundo meu pai, é a explicação para o fato de ele ser coxo.

Segundo meu avô, meu pai coxeia devido à cintada que levou por inventar tamanha desculpa.

E então, aqui, conversando com esses dois homens, eu entendo o motivo da estranheza de tal lembrança, porque meu avô morreu quando meu pai ainda era solteiro, e meu pai morreu quando minha mãe estava grávida de mim. Jamais os conheci.

Isso faria minha nuca se arrepiar, mas não sinto nada porque... Oh, não! Oh,

meu Deus! Por favor, meu Deus. Me perdoe. Não! Não! Me ajude! Me tire da escuridão.
Não joguem mais terra em cima de mim.

Crianças na Estrada

Soraia Barbosa

Soraia Barbosa nasceu em Barra do Piraí, Rio de Janeiro, em 1989. Desde pequena, sempre gostou muito de literatura fantástica e não demorou a começar a escrever suas próprias histórias. Já teve participação em antologias de contos de terror impressas e em formato de e-book. Posta alguns de seus contos em seu blog.

soraiatbarbosa@gmail.com

<http://soraescritora.blogspot.com/>

APESAR DA LEVE embriaguez, Cristiano dirigia com tranquilidade. Na maior parte do tempo avistava apenas as sombras dos morros e a vegetação que balançava à medida que o carro ia passando. Nas poucas vezes que cruzava com outro veículo, este não demorava muito a desaparecer em meio à escuridão.

Olhou rapidamente para o relógio de pulso, seu corpo alertava que já havia passado da hora de dormir, eram quase duas da manhã. Quando tornou a olhar para frente, viu algo no acostamento adiante que de longe parecia uma pequena estátua na beira da estrada. Curioso, ele fixou o olhar no objeto e, à medida em que se aproximava, as batidas de seu coração iam ficando aceleradas. No início ainda teve um pouco de dúvida, hesitou contra seus próprios pensamentos, mas quando chegou bem perto, teve certeza. Era uma criança, e estava sozinha.

Cristiano foi diminuindo a velocidade até parar o carro próximo à figura e logo pôde notar que era um menino que aparentava ter cerca de dez anos de idade. Suas roupas estavam ensanguentadas e tinha machucados por todo o corpo. Na cabeça, usava um boné que certamente não pertencia a ele, pois era grande e ocultava toda a parte superior do seu rosto, deixando apenas os lábios à mostra. Cristiano saiu do carro um tanto agitado e começou a olhar para os lados em busca de indícios de algum acidente. Não encontrando nada, voltou-se para o menino:

— O que aconteceu? Você está sozinho?

— Minha mãe está presa no carro, ajude ela, por favor! — Respondeu o menino apontando em direção ao matagal, sua voz estava carregada, parecia estar chorando.

Cristiano começou a olhar para dentro da mata procurando pela mulher.

— Onde ela está?

— Por aqui, venha! — Respondeu o menino, fazendo sinal com os braços para que Cristiano o acompanhasse.

Os dois seguiram rapidamente adentrando o matagal que havia na beira da estrada, a parte por onde passavam estava amassada, demonstrando que algo pesado realmente havia passado por ali. Não demorou muito para que pudessem avistar um carro capotado sendo tomado aos poucos pelas chamas. No banco da frente, estava uma mulher desacordada.

Cristiano correu até o carro para tentar salvá-la, mas, ao se aproximar, notou que infelizmente já estava morta, seu corpo estava muito ferido e ela não respirava mais. Sentiu um aperto no coração ao olhar para o menino, não sabia como dizer a ele que sua mãe estava morta.

Confuso, só conseguiu pensar em pegar o celular para chamar uma ambulância. Ele verificava se havia sinal no local, quando sentiu uma forte pancada nas costas. Ao se virar, notou que havia mais um garoto ali e os dois, armados com tacos de madeira,

começaram a golpeá-lo nas costas e na cabeça. Cristiano tentou se defender com os braços, mas os meninos eram mais fortes do que crianças comuns, sua força era semelhante à de um adulto. Logo, Cristiano caiu desacordado.

Quando retomou parte da consciência, Cristiano sentiu seu corpo dolorido. As estrelas no céu passavam por seus olhos como se estivessem em movimento, fugindo daquele pesadelo macabro. Os braços estavam erguidos acima da cabeça, e logo ele percebeu que estavam sendo puxados pelos meninos, que o arrastavam por um caminho em meio ao matagal. Não fazia ideia de quanto tempo já estava sendo levado, apenas torcia para que aquilo acabasse logo, que a polícia os encontrasse, ou que morresse de uma vez. Se aquilo realmente fosse um pesadelo, a morte o faria acordar na estrada em seu carro parado ou amassado contra alguma árvore, o que explicaria toda aquela dor que estava sentindo.

Os meninos já estavam com a respiração ofegante devido ao peso do corpo que levavam, quando enfim chegaram a um cercado de madeira aparentemente velho. Cristiano pode ouvir quando eles trocaram algumas palavras incompreensíveis, uma espécie de comunicação bestial constituída apenas por uma série de grunhidos agudos, e seguiram até um pequeno portão, também de madeira. Em seguida, ouviu uma terceira voz que parecia ser de uma menina. Ela gritou algumas palavras estranhas e mais duas crianças vieram ajudá-los a carregar o corpo.

Apesar de não conseguir compreender nada do que falavam, Cristiano pôde notar um certo entusiasmo em suas vozes; pareciam felizes pela conquista do seu mais novo brinquedo, um corpo. Pensou em como as brincadeiras de criança atuais estavam ficando cada vez piores, nunca pensou em fazer uma coisa dessas quando pequeno.

Se aproximaram de uma casa de madeira aparentemente abandonada. A menina que estava no portão veio até eles e cobriu a cabeça de Cristiano com um saco preto, começando a amarrá-lo em seu pescoço. O homem entrou em pânico e começou a se debater, fazendo com que as crianças o soltassem no chão.

Em meio a gritos e pontapés, Cristiano se levantou. O medo que havia tomado seu corpo agia como um anestésico provisório para qualquer dor que pudesse sentir. Puxou o saco que lhe cobria a cabeça e começou a correr desajeitadamente em direção à cerca enquanto tentava se proteger com as mãos das pedras que começaram a atingi-lo. Suas forças o abandonavam a cada passo.

De repente, Cristiano sentiu suas pernas se elevarem lentamente, como se estivesse prestes a voar, seu corpo foi se inclinando para frente e não demorou a bater com imensa força contra o chão. Ao seu lado, um de menino rolou pela grama e, em uma atitude desesperada, se atirou contra suas costas para derrubá-lo. Um menino havia se atirado em suas costas e agora rolava pela grama ao seu lado.

Caído no chão, sentindo o gosto de sangue na boca, Cristiano ouviu quando as crianças começaram a gritar enquanto vinham em sua direção. Naquele momento, viu que seu fim estava próximo, que dificilmente alguém apareceria ali para salvá-lo daqueles seres demoníacos, não havia mais saída.

As crianças que o carregavam foram até ele e ergueram seu corpo novamente, levando-o para a casa. Dessa vez, não haviam se preocupado em proteger sua cabeça, o

que o fez se perguntar o porquê de tal pano. “Seria para aliviar meu pavor?”, pensou. Inúmeras coisas começaram a passar pela sua cabeça ao tentar imaginar o que estaria o aguardando dentro da casa para onde seguiam, mas nada de bom vinha em sua mente.

A menina que seguia na frente abriu a porta dando passagem aos seus companheiros, que não tardaram a adentrar a casa. Logo que entraram, Cristiano começou a ouvir gritos ensandecidos e um odor terrível invadiu suas narinas, quase impedindo-o de respirar. Encostados nas paredes, estavam corpos em variados estados de decomposição, pessoas de todos os gêneros e idades, o que o levou a conclusão de que aqueles seres não escolhiam suas vítimas, fora um tremendo azarado.

Seguiram por um corredor até chegarem a uma sala maior. Naquele momento, Cristiano descobriu que, apesar de tudo, seu coração ainda conseguia acelerar. Sentiu a pulsação de seu sangue por todo o seu corpo quando viu todas aquelas crianças com os olhos negros e as bocas ensanguentadas gritando e olhando para ele com satisfação, comemorando o que provavelmente seria o próximo jantar. No chão havia bolhas rosadas presas a uma espécie de raiz, que pulsavam dando a impressão de que iriam estourar a qualquer momento. Cristiano apenas as observou por alguns segundos, enquanto era colocado sobre a mesa no centro da sala.

Deitado, ele já se preparava para ser devorado, então, fechou os olhos e suplicou para que alguma força sobrenatural o livrasse da dor, que o matasse logo antes que começassem a arrancar seus pedaços pouco a pouco.

Subitamente, um baque o despertou de suas preces. Ao olhar para os lados, notou que todos à sua volta estavam abaixados no chão, olhando com um ar temeroso para algo que se encontrava à sua frente. “Meu salvador!”, pensou Cristiano, esperançoso. Depois do que havia passado, não teria mais motivos para duvidar de milagres, afinal, não acreditava também em um bando de crianças canibais vivendo na estrada próxima à cidade onde morava.

Lentamente, Cristiano foi virando a cabeça em direção ao seu salvador. Esperava ver um grupo de policiais armados ou até mesmo um cavaleiro mágico vindo de algum mundo fantástico, mas teve uma surpresa maior, muito maior.

Seus olhos se arregalaram diante do que viu, gotas frias de suor começaram a escorrer pela sua pele. Parada de frente para ele estava uma criatura semelhante às outras, porém, esta era bem maior e tinha os dentes extremamente afiados. Os olhos grandes e negros fitavam Cristiano quando ela abriu os braços e urrou violentamente. Junto dela, as outras também começaram, formando um pandemônio em torno do homem que tremia deitado sobre a mesa.

Cristiano fechou os olhos e sentiu uma forte dor na perna direita. A criatura mordeu sua perna, comendo sua carne com voracidade. Os gritos do homem desapareciam em meio aos das outras que, entusiasmadas, assistiam àquela cena macabra.

Quase inconsciente, Cristiano apenas fitava o chão, olhava as bolhas que pulsavam cada vez mais rápido à medida que aquele monstro se alimentava seu corpo. Antes de perder a consciência por completo, o homem ainda pode ver algumas delas se rompendo, dando vida a novos seres. “Não são crianças, não podem ser...”, pensou antes de fechar os olhos para sempre.

Gato no Muro

Joe de Lima

Joe de Lima nasceu em 1981 e é fruto da geração internet; sua formação como autor se deu através da grande rede. Ainda iniciando sua carreira literária, sua participação em Lugares Distantes é seu primeiro trabalho de destaque nessa área. Além de autor de contos, também é roteirista de histórias em quadrinhos e atualmente trabalha em sua HQ virtual Onipotente, que terá sua estréia em breve. Mantém um blog onde procura compartilhar um pouco do que aprendeu ao longo dos anos.

joedelima.blog@gmail.com

www.joedelima.blogspot.com

http://twitter.com/joe_de_lima

www.onipotentehq.blogspot.com

AO SAIR NO início da noite, Lucas disse a seus pais que iria dormir na casa de seu amigo, Edu. Nada que pudesse preocupá-los, afinal, Eduardo tinha o hábito de reunir seus colegas de classe para noitadas de filmes e videogame; além disso, os pais do garoto eram responsáveis e sempre ficavam de olho na molecada. E Lucas sabia que era uma péssima ideia dizer a eles quais eram seus verdadeiros planos: uma aventura vazia e infantil para provar sua masculinidade. Vai entender...

A Lua brilhava forte e já estava alta em seu trajeto quando o garoto alcançou o terreno abandonado na rua Boa Esperança, cercado por um encardido e fétido muro, exalando um insuportável odor de vômito, urina e todo tipo de imundice humana. Apesar da tinta descascada quase por completo e dos blocos de reboco que haviam se soltado e jaziam na calçada, ainda se mostrava imponente, graças à altura que alcançava. A muralha fora erguida décadas atrás, mas quem a fizera e o que existia em seu interior, eram fatos que se perderam com o tempo. Verdade é que os moradores da vizinhança evitavam aquele lugar e ocasionalmente surgiam notícias de algum garoto desaparecido. Conta-se que, certa vez, um grupo de funcionários da prefeitura adentrou os muros para planejar uma demolição. Apenas um deles teria conseguido sair; passara o resto de seus dias perturbado e com medo.

Lucas não tinha muita certeza de qual discussão levava ele e Edu a aceitarem a insana aposta de entrar no interior do terreno e tirar fotos com o celular como prova de que estiveram lá. Bem, seja como for, ao chegar no local, Eduardo já o aguardava, e tinha a inesperada companhia de outra menina da classe, Vânia. Como de costume, ela trazia em seu colo um gato gordo. Essa era uma cena bem comum, o bichano parecia colado ao braço dela. O animal raramente usava as próprias patas para andar.

Essa noite, Vânia trazia um sentimento escrito em seu rosto: aflição. Ficara sabendo dos planos de seus amigos de infância e estava ali para tentar impedi-los, de uma forma ou de outra, a levar aquela empreitada adiante. Porém, Lucas e Edu estavam irredutíveis, alegavam que era coisa de homem e outros argumentos pouco convincentes para a mente da menina. Contudo, ela persistia, dizendo que eles não precisavam provar nada, que aquilo era perigoso e pedia “pelo amor de Deus” para desistirem daquela ideia!

Cada vez mais ela se deixava levar pela emoção, quase chegava às lágrimas, quando foi bruscamente interrompida por um som estridente que, apesar de baixo, parecia ecoar por toda a rua Boa Esperança. O som era um miado furioso! Mas não vinha do gato gordo; este continuava quieto no colo de Vânia. Era outro felino, um gato em cima do grande muro, de pelo tão preto que mal era possível definir seus contornos contra o céu noturno. Apenas o brilho sinistro de seus olhos denunciava sua presença.

O tempo congelou durante aquela cena surreal. Outro miado foi ouvido, mas totalmente diferente do primeiro, suave, quase inaudível. Era o gato gordo, lançando um

olhar de desaprovação à dona do braço no qual estava rançosamente acomodado. Acuada e indecisa, Vânia olhou à sua volta como se procurasse algo, não sabendo o quê. Sua boca abriu, porém as palavras não vieram. Por fim, baixou o rosto, resignada.

— Está bem, então. — lamentou ela. — Façam como quiserem.

E correndo pela rua, sumiu na noite, deixando para trás seus amigos sem ação. O espetáculo bizarro deixara Lucas e Eduardo estáticos. Tudo se passara tão rápido e de tal maneira que chegavam pensar se realmente acontecera. Teria sido tudo imaginação?

O gato preto, sentado sobre o muro, se manifestou acordando os amigos para a realidade. Voltaram-se um para o outro. Continuar ou não? O debate foi curto. A curiosidade venceu.

Assim, puseram-se a procurar por um ponto onde poderiam adentrar a muralha e retornar sem despertar a atenção de algum passante que pudesse malograr a aventura. O gato preto acompanhou a dupla em cima do muro, decidido a ser testemunha da invasão. Virando uma esquina, o muro e a calçada mergulhavam na penumbra por conta de um poste sem lâmpada. Com as mãos em forma de concha, Lucas forneceu um ponto de apoio a Edu, depois foi Eduardo quem estendeu a mão para auxiliar seu amigo.

O gato preto observava ansiosamente enquanto os colegas escalavam o muro e se mostrava inabalável aos gestos que ambos faziam na tentativa de assustá-lo. Assim que adentraram de vez o terreno abandonado, Lucas e Eduardo sentiram um medo real pela primeira vez. Do alto parecia um terreno baldio comum, entretanto, agora que pisavam em seu interior, estava diferente, mudado. Mas como era antes? Não sabiam dizer.

Por alguma razão, o pensamento de Lucas se voltou para Vânia e para o gato gordo. Lembrou-se da primeira vez que ela apareceu com o bichano, contando como o salvara da morte, na rua. Lucas e Vânia já eram amigos desde quando podiam se lembrar. Brigavam o tempo todo mas, mesmo chorando, ela nunca perdia aquele brilho especial, vivo, no olhar. Um brilho que havia se apagado, substituído por um abismo cada vez maior. Como os olhos do gato preto que o observava em cima do muro.

A luz da Lua era tragada pelas sombras, uma suave cerração ameaçava descer sobre eles. Lucas notou que o mato decrepito forrava o solo e em alguns pontos havia indícios de que um grande incêndio ocorrera no passado e viu que o muro se projetava para frente dos dois lados, desaparecendo na escuridão, sendo impossível enxergar o seu fim. Aquele terreno era mesmo tão grande? Com um gesto ágil e típico dos felinos, o gato preto saltou e, correndo pelo mato, desapareceu nas trevas.

Com passos hesitantes, os dois amigos avançaram. Por certo, logo teriam retornado se algo não tivesse lhes chamado a atenção — pequenos pontos azuis brilhavam no escuro, como vaga-lumes congelados no ar. Prendendo a respiração, Lucas avançou na frente, fascinado pelo brilho azul e um som indistinto chegou a seus ouvidos. Absorto, prosseguiu até que os pontos azuis tomassem a forma de chamas, que crepitavam sem irradiar calor nem consumir nada à sua volta; algumas emitiam sua luz fantasmagórica flutuando em pleno ar. O som se tornava cada vez mais nítido; se assemelhava a um miar de gato e, ao mesmo tempo, era como se alguém chamasse por seu nome.

O transe de Lucas foi cortado por Edu, que agarrava seu braço. Só então ele

percebeu que estavam cercados pela neblina; apenas as chamas azuis iluminavam a escuridão, e elas estavam por toda parte! Ao seu redor, viu rochas depositadas de pé, assumindo o aspecto de lapides, transformando o campo em um sinistro cemitério.

Em pânico, os amigos correram, buscando o muro que os levaria para fora daquele lugar maldito! Foi longo o tempo que durou a busca, porém nada encontraram. Perceberam que estavam em um grande campo aberto, o solo coberto pelas lapides rochosas. As chamas azuis se multiplicavam e, por mais que corresse para longe, o cenário não se alterava.

Exausto e desolado, Eduardo apoiou as mãos nos joelhos. Lucas forcejava por compreender tudo aquilo. Mais uma vez, o misterioso chamado o alcançou, desta vez bem mais claro. Com certeza ouvia um felino miando, com certeza ouvia chamarem seu nome. Caminhando na direção do som, viu o gato preto surgir entre a cerração, encarando-o fixamente. Voltou-se para Eduardo... mas seu amigo não estava mais lá...

Chamou seu nome com toda força... nada. Procurou ao redor... nada novamente. Eduardo desaparecera.

Lucas caiu por terra, sem forças. O gato se manifestou e mais uma vez o garoto pensou ter ouvido seu nome, desta vez mais nitidamente do que nunca. Colocou-se de pé, encarando o animal, certo de que o bicho podia ler seus pensamentos. Nisso, outra voz se fez ouvir uma voz feminina. Era Vânia.

— Eu disse para vocês não entrarem — disse ela solenemente, enquanto se aproximava, o gato gordo em seu colo. A garota afrita se fora por completo, soando seca e fria, o olhar vazio. Tentara alertar, tentara ser uma boa amiga, mas deram atenção? Agora sofreriam as consequências, cada um a seu jeito.

— Cadê o Edu? — perguntou Lucas exasperado.

— Ele se foi... — e acrescentou, de forma sombria — para sempre! Você foi o escolhido.

— Escolhido?! — era impossível medir o medo na voz do menino. — O que está acontecendo?

— Essa é a coragem que você queria provar? — retrucou Vânia com enorme frieza. Lucas já não reconhecia mais sua amiga, que começou a explicar. — Qualquer um pode entrar neste lugar, mas apenas os gatos sabem como sair. Aquele gato de pêlo preto pode te levar de volta, desde que você faça o acordo!

— Que acordo? — inquiriu o garoto, percebendo cada vez a terrível armadilha na qual entrara por vontade própria.

— O gato será o dono da sua vida de agora em diante. Você terá que fazer tudo que ele mandar. Algumas coisas serão simples, outras... acredite, serão desumanas! A desobediência será punida severamente! Se você não aceitar o pacto, será abandonado aqui pra morrer.

Lucas ainda não tinha entendido muito bem; sabia que precisa sair, fugir pra longe dali, mas como? Um pensamento cruzou sua mente, a ideia de que poderia obrigar sua colega a mostrar a saída. Nesse exato momento, como se pudesse ler sua mente, o gato gordo mostrou suas presas deixando claro que não iria admitir que levantassem a mão contra sua serva. A essa altura, o garoto já não sabia mais o que poderia fazer para

escapar daquela situação.

— Assim — concluía Vânia — eu pergunto...

Lucas pensou em Eduardo, nos seus pais a quem contara uma mentira naquela mesma noite, em Vânia — não naquela, parada à sua frente, inexpressiva, e sim na amiga com quem crescera junto. Não podia aceitar uma proposta tão absurda, mas também não queria ficar sozinho naquele lugar para sempre. Enquanto Vânia concluía a frase, seus punhos se fecharam com ódio, e os olhos começaram a perder o brilho...

— ...você fará o acordo?

Aprisionada

Jorge Eduardo Rodrigues Rosa

Jorge Eduardo Rodrigues Rosa nasceu em Portugal na cidade de Portalegre no mês de Outubro de 1962, completou o ensino secundário e actualmente trabalha como técnico profissional no município de Lisboa. Desde muito novo que adquiriu hábitos de leitura. Frequentador assíduo da biblioteca local onde requisita as obras literárias que compõem as suas leituras. Possui também a sua própria biblioteca de diversos estilos literários entre diversos autores mundiais dos quais destaca: Eça Queirós, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, John Le Carré, William Faulkner, Milan Kundera, Thomas Mann Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, Mário Vargas Llosa, Humberto Eco, entre muitos outros. Há alguns anos que ocupa as horas vagas com a escrita de contos.

ELA OLHAVA COM melancolia para rua através das vidraças da janela, empoeiradas e gordurosas, no exíguo e imundo quarto. Fixava o seu olhar no pátio da sua simples e velha casa de pedra, toscamente aparelhada, e recordava anos pretéritos; a infância do seu filho. O via a brincar com as outras crianças da aldeia: nas correrias atrás da bola, os gritos e as obscenidades pronunciadas sem decoro no meio das frases no calor do entusiasmo do jogo — finta o gajo, porra... passa a bola à esquerda, chuta agora, arremata, gol! — Era como se ela ainda os conseguisse ouvir a gritar na distância do tempo passado.

O filho hoje não joga futebol. Se jogasse, profissionalmente, sempre traria alguns milhares de euros para casa no lugar da habitual “pedrada” e ficar a ressacar com outros rapazes, que com ele iam num pardieiro abandonado. Os habitantes da aldeia eram hoje apenas ela, seu filho e algumas famílias de idosos e comerciantes. Os demais, partiram para as cidades perto do litoral, onde a vida é mais confortável; os mais ousados arriscaram e foram a paragens distantes, que na aldeia a vida é dura e os ganhos escassos. O sustento é tirado à terra com força braçal.

O dia amanhece frio e o céu com tonalidade plúmbea. O rei Inverno, sempre impiedoso naquelas altitudes serranas, se anuncia. A velha permanece só em casa e lá fora o vento assobia, as árvores se curvando até ao solo. O emadeiramento da casa range e aterroriza a mulher. Ela sabe que brevemente vai cair uma chuva gelada; a natureza derramará as lágrimas que ela já não consegue chorar, que há muito se lhe secaram. Com o desprezo a que o filho a sujeitou, lhe restava por companhia a solidão.

Uma álgida ventania soprou durante toda a manhã. Por fim, os primeiros e rodopiantes flocos de neve começaram a cair do ar. A neve iria cobrir com um manto branco a serra e, com ela, a aldeia. Brevemente o vento cessaria, tudo ficaria numa paz silenciosa. Tudo? Nem tudo, a velha aprisionada não desfrutava de paz. Um perpétuo desassossego de alma a atormentava.

A manhã ia adiantada na hora, a fome matinal a torturou. Pressentia a presença do filho ainda em casa; lhe implorou um naco de pão, podia até ser de centeio duro e bolorento que ela não se importava de roer, enganaria a fome por algumas horas.

— Cala-te, velha bruxa, que hoje não comerás nada. Quero que morras de fome, e depressa, para me deixares para sempre em paz — retorquiu o rapaz.

— Desprezas assim a tua mãe, Valdevino. O teu pai ainda devia ser vivo, e não me tratarias assim desta maneira, ah não! — Vociferou a velha, com ódio, rilhando simultaneamente os dentes em desespero.

O marido, ainda novo, falecera. As gentes da aldeia cochichavam entre si como quem conta um segredo proibido: tuberculoso, num sanatório para lá da serra, e deixou aquele filho para ela criar. Todavia, o filho, já um rapazote, não lhe trouxera o consolo que

ela sonhara.

Ela envelhecera precocemente de tanto trabalhar anos a fio sem descanso. Hoje, estava mais depauperada do que os seus pais, já pobres, a haviam deixado. Apenas possuía um leito pobre, coberto por uns panos enegrecidos pela sujeira e que exalam um odor nauseabundo. O colocara no canto do quarto, onde o teto ainda não pingava água da chuva, pois a cama de ferro, carcomida pela ferrugem, quebrara há muito tempo. No quarto havia também uma arca, roída pelo bicho da madeira, coberta de pó, encostada a uma das paredes do quarto. Era lá que guardava alguma roupa, andrajosa e roída pela traça, com que tentava cobrir o corpo para afugentar o frio. No meio das roupas, envelhecidas pelo tempo, ela escondia um velho crucifixo e duas fotografias emolduradas: a do marido e a do filho, que resguardava da profanação, como fossem as relíquias sagradas de um santo.

O filho a empobrecera, continuamente, ao longo dos anos. Arrastara para fora tudo o que havia em casa, o que tinha e o que não tinha valor, deixando apenas as paredes. Tudo ele havia vendido para fazer dinheiro para a compra de entorpecentes que consumia diariamente. Da rapinagem patrimonial a que sujeitara a família, apenas se salvou o valioso crucifixo, em prata; a velha o tinha há muito preservado dos seus olhares cobiçosos. Ele próprio desconhecia a existência de tal peça valiosa. Embrutecido e com raiva de nada mais haver para vender dentro de casa, arrastou a sua mãe à força, encerrando-a naquele quarto, úmido e mal iluminado, isolando-a do contato com o exterior, como punição.

— Abre a porta, quero sair. Estou há tanto tempo aqui encerrada que já perdi o tempo ao tempo. Aterrorizas a tua mãe. Matas-me à fome e à sede. Tira-me daqui porque eu não mereço este castigo — suplicou-lhe.

— Daí não sairás nunca, velha maluca. Queres comer e beber? Então aqui tens o que te posso arranjar hoje, velha rabugenta, — dizendo isto, correu os ferrolhos da fechadura e escancarou a porta abruptamente. Sem fixar o seu olhar no da mãe, lhe atirou meio pão, embrulhado em papel de jornal, enquanto ao mesmo tempo pousou no chão do quarto um balde metálico cheio de água, e removeu outro cheio de dejetos fétidos. Tratava-a como a um animal de estábulo. Violentemente, fechou a porta e correu os ferrolhos da fechadura no sentido contrário, deixando a velha entregue à solidão, e se ausentou para comprar e injetar a droga que o corpo lhe exigia.

Esfaimada, desembulhou o pão. Avidamente, o devorou. Depois, sorveu a água do balde até se saciar, deitou-se, e adormeceu. O vento gélido uivava entre as fendas da janela. Lá fora a neve acumulava-se na pedra de xisto da janela. Acordada, o silêncio era sinistro, e o uivar aterrador da ventania lá fora tornava a solidão difícil de suportar. Dormindo, tinha por companhia sombrios sonhos a povoarem sua mente.

Horas depois, a velha acordou. O quarto estava gelado e se cobriu com a esburacada manta que, puída pelo tempo, negava-se a aquecê-la. Deambulou num caminhar frenético pelo quarto para se aquecer. Ao fim de alguns minutos, parou. Estava exausta daquele caminhar sem sentido nem destino. Sentou no chão junto à arca, abriu-a, e retirou a foto do filho. Colocou-a entre mãos e se pôs a acariciá-la enquanto, ao mesmo tempo, sorria de tristeza.

Sentiu o filho regressar e arrecadou, pressurosamente, a foto na arca. Chegou só à casa naquela tarde; a turba que o arrastara para aquela vida não o acompanhara, como era habitual.

A velha sentiu no ar um aroma estranho. Ele preparava agora o produto injetável. Perdera há muito o decoro, já não se evitava de se injetar nas proximidades da presença da mãe. Abriu o kit e iniciou a preparação. Juntou sumo de limão a todo o produto que trazia, deu calor com a chama de um isqueiro e um odor adocicado espalhou-se pela casa. Levado pela corrente de ar, o aroma ultrapassou as físgas da porta que separava o quarto do resto da casa e penetrou nas narinas da mãe que, o interpretando mal em sua mente, disse:

— Já chegaste meu filho? Trouxestes bolinhos da vila? Traz-me um filho, estou cheia de fome.

— Cala-te velha gulosa. Não tenho bolos comigo.

— Porque é que não me chamas mãe? Chama-me mãe, filho. Eu vou gostar.

— Só se me dizeres, por detrás de que pedra da parede da casa escondes o teu dinheiro.

— Não tenho dinheiro e já levaste de casa tudo o que havia. Nada mais resta.

— Mentirosa. Condenas-te pela tua avareza; se não me disseres onde o escondes, morrerás. Velha cabra somítica!

O rapaz por fim se calou e espetou a agulha no braço. O líquido escorria lentamente da seringa para a veia. Ao terminar, tudo se silenciou. A velha sentiu a dureza da ofensa e da sua perpétua condenação à clausura naquele quarto escuro e insalubre. Esforçou-se para conseguir chorar e conseguiu. As lágrimas correram pela face, preenchendo as rugas cavadas no rosto.

Os dias passaram-se e ela deixou de sentir a presença do filho em casa; o seu entrar e o seu sair. Sentia uma fome e sede terrível. O balde dos dejetos transbordava, o quarto exalava um cheiro amoniacal, insuportável. Abandonada e imunda, ansiava pela conquista da liberdade usurpada, escapar da solidão — o que não pagaria eu por um banho e uma refeição quente.

Ao redor da casa, os corvos crocitavam. Mau agouro, pensou ela. Dias depois, um forte odor a cadáver chegou-lhe ao olfacto. Aproximou-se da porta do quarto. Espreitou, a custo, pela fenda da fechadura para a divisão contígua e viu o seu filho caído no chão; tinha ainda a seringa, com a qual se havia drogado, ainda espetada no braço. Dele escorria um veio de sangue já ressequido. Preparara dose dupla. Não sobrevivera ao excesso.

Trepada pela dor, a velha se arrastou até o pequeno rasgo envidraçado na parede. Abriu a pequena janela do seu quarto e gritou, com as suas débeis forças, por ajuda, até ao anoitecer. Clamou aos céus e aos homens. Dos céus, a resposta tardava, e dos homens respondeu-lhe o silêncio. Apenas ouvia a sua própria voz, multiplicada pelo eco que o vale rochoso lhe devolvia e que, juntamente com o crocitar dos corvos, que teimavam em sobrevoar a casa, formava uma sinfonia tétrica. À noite, o plangente piar das corujas substituía o carpido dos corvos. Não havia ninguém na aldeia que a socorresse e a consolasse no desgosto de ter o seu filho morto ali no compartimento ao lado do seu.

A aldeia encontrava-se já deserta naquele dia. Os últimos habitantes fugiram devido às previsões de péssimo tempo à vista e os idosos foram levados pelos filhos. Ela, prisioneira, abandonada, não se apercebera da partida dos demais. Debalde, continuou gritando a fantasmas e às aves de rapina.

O dia findara e fazia já um escuro de breu. Cada vez mais enfraquecida pela fome, a velha caiu prostrada no chão do quarto; o sono venceu-a minutos depois. Acordou, enregelada, ao amanhecer do outro dia, com o som como de crianças que dão pequenos guinchos, do outro lado da porta. Pôs o ouvido à escuta. Era o chiar de ratos. A velha arrastou-se a custo pelo chão, espreitou pelo buraco da porta e viu-os morderem no cadáver do filho, alimentando-se dele sofregamente. Gritou em desespero pela cena que os seus olhos viam: “o meu menino a servir de repasto a ratos”, pensou, por não ter forças para falar. Depois esforçou-se, e um fio de voz saiu da sua garganta:

— Vão embora, animais nojentos.

Os ratos, porém, não se moveram do seu lugar e continuaram a se banquetear; aumentando ainda mais o seu tormento.

Sentindo uma profunda tristeza e desalento, ela caminhou com dificuldade até junto da arca, que abriu com esforço. Dela retirou uma boneca de porcelana, envolveu-a em trapos imundos e a pousando no seu colo, embalou como se tratasse do seu filho. Cantou todas as canções de ninar que outrora havia cantado ao seu menino. Sorriu para a boneca enquanto recordava o tempo em que ele crescera no seu ventre.

Seguidamente, a pousou no chão e retirou o crucifixo, escondido entre a mísera roupa onde o guardava. Caminhou até junto da janela. Abrindo-a de par em par, atravessou a mão pelas grades e, com raiva, arremessou o crucifixo para o pátio, soltando um grito que vibrou no ar e lhe foi devolvido pelo eco, em repetições sucessivas, ecoando ao longo do estreito vale encaixado nos montes nevados. Ela se deixou ficar prostrada até à tarde, entre os queixumes de mãe ferida e orações.

Ao final da tarde, o céu se vestiu de um cinzento metalizado, a temperatura desceu vertiginosamente abaixo de zero graus, o vento soprava forte e cortante. Prenúncio de nevão. Fustigada pela fome que a atormentava, a mulher apresentava já sinais de demência. Sentia um frio intenso passar pelo corpo, tremia. Sabia, nos seus momentos de lucidez, que dentro de poucos dias morreria. Na vida, tudo havia perdido e o que lhe restava era o cadáver do filho, meio devorado pelos ratos esfomeados. Com as poucas forças que ainda lhe sobravam, reuniu várias peças de roupa, retiradas da arca, e atando-as umas às outras, formou uma tosca corda na qual envolveu o seu pescoço, depois de a ter amarrado a um prego saliente na parede do quarto. Abraçou a boneca e saltou de cima da tampa da arca, indo ao encontro do seu menino.

O nevão caiu toda aquela noite e prolongou-se muito tempo. A camada de neve ganhou grande altura e cobriu as casas da aldeia deserta, acima da cumeada dos telhados, soterrando os vestígios da vida, do amor e da crueldade que ali uma vez existiram.

A Casa

Jussara Gonzo

Jornalista formada diz: "Faço desenhos por comida"

JUSSARA GONZO

Jornalista de formação, desenhista por insistência e escritora por loucura crônica

Nascida sob o irascível signo de capricórnio na metade dos anos oitenta

Parece um lápis, mas não é...



Gosta de poucas coisas, mas odeia dias escaldantes, chuva fraca, acelga, politicagem, censura, briefings monótonos e, provavelmente, odeia você também

Ela podia estar matando e roubando (não lhe dê idéias!) mas atualmente faz alguns freelas esparsos na área de comunicação

Criadora do Quadrinhos Gonzo

contato:

hq.experimental@gmail.com

ELA SÓ QUERIA um pouco de paz.

Emprego, pai, mãe, ex-namorado, cachorro falecido, amiga traíra e cheque especial. “Qual o problema, heim?!” questionou o síndico do prédio quando ela lhe lançou um olhar demorado e sério na garagem. “Está encantada com a minha beleza nórdica?”. Ok, do síndico ela ainda não tinha conseguido esquecer. Estava rindo dele até agora.

A fazenda Belas Montanhas era um dos novos pontos turísticos da região. Até poucos anos atrás era um grande terreno cheio de mata virgem ao pé da serra. Um desperdício de beleza, tranquilidade e ar puro. O dono colocou um anúncio no jornal e praticamente esqueceu-se da propriedade por um bom tempo, ficando bastante surpreso quando recebeu uma proposta. Encabulado ele disse: “Não há muitas benfeitorias”. “Tudo bem” foi a resposta “Eu só quero ficar o mais isolada possível”.

O lugar ainda era rústico, com apenas um chalé com lareira, duas caixas d’água e uma fossa. Havia um rio próximo de água cristalina caso as duas caixas esvasiassem e uma plantação de hortaliças diversas para evitar a completa inanição. A cama era nova e havia vários cobertores limpos. Não havia comida. “Tudo bem, a cidade não está muito longe”.

Ela abriu as janelas do chalé, fazendo o ar fresco entrar. Em frente à sala havia um ipê maravilhoso. Em um dos galhos havia um ninho de João-de-barro; sua casinha anda estava incompleta, faltava a parte de cima. “Bom dia!” ela exclamou para o pássaro que pareceu responder com um suave bater de asas. “Estou melhor que você! Se chover tenho um teto onde me abrigar!”

Mas não era apenas aquele pássaro que lhe fazia companhia. Havia outras aves nos arredores; belas, saudáveis e de canto agradável. Não havia outra fauna local além dos amigos alados, com exceção de formigas e outros insetos. Não era de se estranhar: aquilo não era uma fazenda ou rancho, era um chalé perdido no meio do nada. Melhor para ficar sozinha, impossível.

Respirando profundamente a moça decidiu deixar as compras para o dia seguinte. Tinha trazido as sobras do restaurante de estrada e na mala havia alguns pacotes de salgadinhos. “Não quero ver ninguém hoje. Só os pássaros.”

O dia amanheceu belíssimo. A residente solitária de Belas Montanhas decidiu encarar o desafio e ir às compras na cidade próxima. Encheu o porta-malas do carro. O suficiente para não precisar sair da propriedade até o final de suas férias. E só de pensar

que um dia teria que sair dali já lhe causava tristeza. "Pudera eu poder viver aqui para sempre!".

Andarilhando pela mata ela logo percebeu que não estava sozinha. Havia alguns saguis espalhados por entre as árvores. Gatos selvagens, provavelmente descendentes de algum casal de gatos domésticos que vivia na região. O cheiro de mato acalentava sua alma de tal modo que ela chegou a sentar em meio ao verde e cochilar, mas mudou de ideia quando escutou o silvo de uma cobra. Não podia esquecer que estava praticamente no meio da floresta.

Quando voltou ao chalé a primeira coisa que fez foi consultar o armário de remédios para ver se estava abastecido. Estava. Havia alguns medicamentos vencidos mas a presença de soro antiofídico à tranquilizou. "Ninguém deve morar aqui há muito tempo" ela murmurou para si.

Não havia eletricidade de modo que a bateria do seu celular arriou no terceiro dia. Ela podia ir até a cidade comprar uma bateria, mas achou que não precisava. Além disso, uma chuva estava se aproximando e a estrada de terra ficaria intransitável.

Choveu.

A janela em direção ao ipê estava semi-aberta e o pobre João-de-barro estava empoleirado no seu ninho inacabado, recebendo cada gota d'água como se fosse uma torrente. A moça ficou com pena da ave e, mesmo sabendo que ela não entenderia, abriu a janela e disse:

"Entre então!"

Para sua surpresa o pássaro planou até o batente da janela. Pulando com suas perninhas, adentrou na casa sem cerimônia. Sacudiu a cabeça e chacoalhou as penas. Ela sorriu e resolveu se afastar, resistindo à tentação de pegá-lo no colo. "Não vou abusar!" ela pensou, indo dormir com o barulho de chuva.

p

A primeira semana havia acabado. A estrada voltou a ficar firme e a moça aproveitou para comprar mais algumas coisas que precisava. Sentado no banco dianteiro do carro ia o João-de-barro.

O pássaro fez amizade com ela. Uma amizade que ela jamais poderia esperar. Na primeira manhã depois da chuva a ave estava pousada no criado-mudo ao lado do seu rosto. Ela tomou um susto, mas sorriu. Descascou uma laranja e a avezinha veio comer os gominhos. Deixou um prato com água e arroz e logo o João-de-barro esqueceu-se da sua obrigação instintiva de construir um ninho. Naquela manhã, antes de sair de carro, ela estendeu a mão e, pasmem! O pássaro voou até ela de bom grado.

"Ele não tem medo de mim!" sorriu a jovem, orgulhosa.

Agora ele estava em seu ombro e as pessoas da cidade ficaram surpresas com aquilo.

"Olha! O João-de-barro arrumou uma esposa diferente!" comentavam as pessoas. A moça só ria.

Mas qual não foi sua surpresa quando a suposição realmente parecia verdadeira.

Nas manhãs seguintes a ave deixava no peitoral da janela um inseto morto, na intenção de alimentar a moça. Abelhas, grandes mosquitos e borboletas. “Ainda bem que ele não trouxe minhoca!” ela comentou consigo mesma, passando os dedos sobre a cabecinha da ave que parecia gostar do gesto.

p

Era com tristeza que ela começou a arrumar as malas para ir embora.

Suas férias tinham acabado e os dias de paz também. Teria que voltar à cidade grande e encarar trânsito, calor, poluição, caos, pessoas... a moça estava mais desolada que o pequeno João-de-barro que manteve certa distância da esposa desde aquela manhã.

“Você é o pássaro mais inteligente do mundo! Percebeu que vou embora? É uma pena, mas preciso voltar. Mas posso te levar comigo. Vai ser triste, mas você terá que morar numa gaiola...”

Num bater de asas agitado a ave foi embora pela janela, desaparecendo em meio às árvores. Ela ficou surpresa. “Aquele pássaro é um prodígio!” pensou. E sentiu ainda mais pena de ir embora.

As malas já estavam prontas. Eram quatro da tarde e o céu escureceu de repente. “Vai chover. E forte!” ela pensou, um pouco irritada. “Vou perder um dia de trabalho, droga! Meu chefe vai me matar!”

Ela fechou as janelas, sabendo que as chuvas naquela região eram muito fortes e aquela prometia ser um temporal. Ficou pensando no João-de-barro, sozinho lá fora. Ela ainda olhou para o ipê florido uma última vez. A casinha incompleta estava se desfazendo. “Tomara que ele encontre abrigo.”

E a chuva caiu como uma cachoeira acoitando Belas Montanhas. A força do vento derrubou árvores e a água infiltrou-se pelas frestas. A lama começou a invadir a casa pelas frestas do chão. Os raios explodiam próximos. Assustada, a moça pulou na cama e se cobriu.

Havia barro por todo o lado.

p

No dia seguinte os noticiários informavam sobre a chuva terrível que arrastou pessoas e casas. Um temporal como não se via há décadas.

“Ela está atrasada!” reclamou o patrão da moça, mas sabendo que ela ia viajar só podia pensar que talvez ela estivesse num engarrafamento na estrada. “Acho bom ela voltar logo!”

Mas os dias passaram e ela não voltava.

A mãe ligava para todas as delegacias, desesperada. Até o pai omissivo começou a se desesperar. Uma semana... duas semanas... Onde ela estava? “Qual foi o último contato com ela?” O dono do chalé não sabia explicar. “Ela simplesmente não voltou para me entregar a chave”.

Uma equipe da polícia foi até Belas Montanhas. Seguindo a trilha com dificuldade

chegaram até o chalé.

Mal o reconheceram.

Portas, janelas, frestas entre a madeira, chaminé... não havia mais nada disso.

Estava tudo selado com barro. Do topo até o chão. Lama dura, negra e seca feito rocha. O local havia virado um imenso tijolo oco, sem nenhuma saída ou passagem de ar.

“Parece um ninho de João-de-barro.” murmurou o policial, lembrando-se do costume que a ave macho costumava fazer com esposas infiéis.

O caso da fera de 100 olhos

Willian Marinho

Willian Marinho é um jovem escritor com mais idade do que aparenta (vinte com cara de quinze). Nascido em São Paulo, mas com o Rio de Janeiro em toda sua memória de vida, desde criança adora histórias fantásticas, principalmente de animes, mangas e HQs, preferencias que vem sido aproveitados e expandidos até hoje.

Almeja com o ramo de escritor, redator e roteirista não só conseguir sobreviver e conseguir alguma renda, mas passar boas mensagens e histórias para seus leitores.

Não costuma usar muitas redes sociais, por que não tem paciência nem tempo para aproveitar todas elas, mas não é difícil encontrá-lo pela Internet.

Sua maior dificuldade, além de não travar a língua em momentos de nervosismo, é fazer biografias compactadas sem muitos detalhes, e principalmente se descrevendo em terceira pessoa.

http://twitter.com/marinho_willian

<http://fikdik.com/5ee>

“...Se o desespero tivesse uma forma sólida, uma figura concreta para onde as pessoas pudessem empurrar as causas de tamanho sentimento inquietante, provavelmente estaria na pessoa conhecida anteriormente como Tim Hopkins. A carcaça daquele adolescente humilhado por si mesmo e por todos à sua volta deu lugar a uma besta hedionda, que só poderia ser descrita como a forma real da sensação de ânsia.”

Foi com este início de relato, feito pelos detetives Rafael Lopes e Sofia Reis, que se iniciou o caso que ficou conhecido como a Fera dos 100 olhos. E também com uma sensação que misturava surpresa e nojeira. No início, os casos envolvendo a estranha criatura pareciam lenda urbana, histórias para fazerem as crianças obedecerem seus pais sem questionar.

Mas quando as testemunhas já do décimo caso foram encontradas em estado catatônico, sem chance alguma de reversão, a polícia decidiu levar os crimes a sério, tentando focar em desmistificar o caso e delegando a tarefa para dois dos melhores detetives da polícia militar, que não tardaram a começar a investigação.

Fazendo uma investigação apurada, a dupla conseguiu montar uma mancha criminal onde pudessem delimitar a área de procura ao suspeito para prendê-lo, e preferencialmente matar o já identificado Tim. O que quer que o tenha levado aquela situação hedionda, a Fera de 100 Olhos precisava ser detida, e rápido.

Rafael pensou em um plano para atrair a besta: disfarçando-se de um rico empresário que chegara recentemente na área da mancha criminal, o detetive faria o papel de “bom vivant”, realizando as típicas ações de um milionário desocupado, algo bem confortável para um jovem rico como ele, mas o propósito era puxar atenção da Fera para si. Enquanto isso, Sofia estaria investigando a área, procurando pistas e interrogando testemunhas de casos recentes que levassem ao suspeito.

Passaram-se três meses, e nenhum caso estranho ocorreu na região. Crimes menores eram resolvidos por Sofia, enquanto Rafael conseguiu prender em flagrante uma pequena rede de tráfico de drogas entre os jovens garbosos da vizinhança, mas nada que estivesse relacionado com a Fera de 100 Olhos, sobre a qual cada vez menos se falava. Após algum tempo, Rafael lentamente se integrava à vida mansa dos ricos, e bem no fundo da alma ainda sentia falta dela, porém não se esquecendo da missão designada.

Apesar de confiantes, a dupla de detetives estava quase convencida de que seu estranho alvo seria mesmo uma lenda urbana, tudo organizado por Tim Hopkins que poderia estar em qualquer lugar agora. Até pensaram na hipótese de estarem errados quanto a identidade do perturbado ser, mas preferiram se ater ao que tinham até então.

Num fim de semana, um dos vizinhos de Rafael, que ainda estava sob disfarce, o chamou para uma festa descompromissada em sua mansão no litoral, reservada para

alguns amigos da vizinhança e outros convidados especiais. Com o instinto de perigo à mostra, típico dos detetives experientes, Sofia planejou um plano junto com seu parceiro para garantir a segurança dos convidados, e caso a Fera aparecesse, estarem prontos para ela. Pressionados pelo seu batalhão por uma resolução do caso, aquela seria a última chance de investigação antes dos crimes serem arquivados e esquecidos pela massa.

Rafael aproveitou os dias seguintes para entreter o vizinho sobre assuntos diversos, Sofia seguiu para a mansão, para instalar um sistema de segurança para vigia-la antes e durante a festa. Como não fora convidada, ela preparou escutas, câmeras ocultas, e até armadilhas especiais foram preparadas pela detetive, terminando tudo até o dia da festa. Com toda a aparelhagem arrumada, restava apenas aguardar os convidados, incluindo o "convidado especial.

Poucas horas depois, a festa começava, e Rafael se preparava em um quarto para sua última noite como uma pessoa da alta sociedade, vestindo uma camiseta polo branca, calças jeans escuras, e alguns adornos nos dedos e na orelha esquerda. O gel no cabelo curto deixavam-no com pontas pequenas para cima, como nos famosos choques elétricos de desenhos animados. Por questões de segurança, o detetive deixou sua pistola pequena acoplada no tornozelo para não chamar atenção.

Enquanto isso, Sofia já estava em outro quarto da casa no segundo andar, observando a festa e monitorando toda a movimentação. Não gostava daquele tipo de diversão: para ela, as festas são degradantes e sem sentido, preferindo um bom lugar para sentar-se e aproveitar a noite, como fazia naquele momento. Diferente do parceiro, estava em roupas sociais de trabalho, e o longo cabelo negro e liso estavam presos em um rabo-de-cavalo. O corpo delgado parecia o de uma adolescente, se não fosse o rosto experiente e sério para dar o contraste.

A festa seguia normalmente como muitas do gênero: música intensa, pessoas alcoolizadas enfrentando o próprio fígado para não vomitarem na mesma hora ou para não terem uma ressaca no dia seguinte, e alguns casais tentando realizar atos impróprios. Por fim, os menos degenerados aproveitavam o ambiente caloroso com os amigos e o dono da casa. Rafael divertia-se, e nos intervalos entre uma dança e um drink procurava por informações. Tudo parecia muito normal para um fim de semana dos opulentos...

...Até as luzes se apagarem e o silêncio sombrio imperar na mente de todos os presentes.

O calor humano que a festa trazia foi trocada pelo frio do desespero que o silêncio provocava. Rafael puxou sua pistola, gritando para todos se abaixarem e manterem-se calmos. Enquanto caminhava submerso na escuridão, o ar ficava cada vez mais ofegante para o detetive, como se estivesse dentro de uma estufa.

Sofia, ainda que por fora se mantivesse séria, entrou em pânico ao ver toda sua aparelhagem de segurança se tornar inútil ante a escuridão das câmeras e a surdez das escutas. Temendo pela vida do colega, a detetive puxou sua falcão e ligou a lanterna por debaixo da arma, seguindo pelo corredor do segundo andar em velocidade, na tentativa de salvar sua vida.

Infelizmente, a escuridão também lhe tomou os olhos, e o frio que precede a

dor atingiu o abdômem e parte acima do busto da bela jovem, que antes de cuspir uma golfada de sangue, vários olhos apareceram em sua mente, completando o terror da já morta mulher em gritos mudos.

Rafael continuava perdido no breu. A força de vontade para empunhar a arma e partir para o ataque à besta aos poucos se esvaía, à medida que corria sem rumo pelo escuro, não sentindo nem mesmo esbarrar nos móveis e paredes, para ter certeza de que ainda estava dentro da mansão. O detetive estava preocupado com Sofia, e realmente desejava que a parceira estivesse viva, e se caso sobrevivessem juntos, poderia pedir desculpas pelos erros que cometera, e tomar outras atitudes, mais corretas.

Mas já era tarde demais. Os cem olhos cercaram o policial, e o desalento lhe tomou a mente de uma vez.

Rafael atirou para todos os lados possíveis, visando acertar aqueles globos insanos, sem sucesso algum. Os braços tremiam com muita velocidade, não dando chance para o detetive recarregar sua arma, o que o deixava ainda mais em pânico.

Já satisfeita com o estado do rapaz, a fera tomou uma forma física, como uma silhueta humanóide em completa treva, com alguns olhos vermelhos como sangue espalhados pelo corpo, e mais um enorme brotava da testa, cobrindo quase toda a área onde seria a face, fitando com perversidade a Rafael. Ele, com medo fora do normal, tentava demonstrar alguma coragem encarando a criatura de volta, mas com a súbita urina que molhava suas calças, aquela falsa bravura se perdeu, e Rafael segurava-se para não chorar.

De repente, o lugar seria a boca de uma pessoa comum abriu-se na Fera, revelando presas grandes e afiadas. Acreditando na própria morte, Rafael fechou os olhos, lamentando sua falha missão. Aproximando-se tão rápido quanto a luz, a criatura abocanhou o detetive, e um clarão enorme insurgiu na mente do rapaz.

Milhões de imagens passavam ao mesmo tempo na cabeça de Rafael. Algumas não faziam sentido, outras eram abstratas e insanas, mas outras mostravam o passado de Tim e seu sofrimento, até o ponto de mutilar o próprio corpo para conseguir o macabro poder. Simultaneamente, imagens do passado de Rafael apareciam para atormentá-lo, mostrando seus erros dos tempo canalha na escola, a corrupção omitida na policia, e os falsos sentimentos pelas pessoas até conhecer Sofia, e tentar uma redenção.

Desesperado, o homem gritava por socorro, se debatendo e implorando àquela criatura para que parasse com a tortura. Intuitivamente, o detetive opulento percebeu que seu sofrimento era o castigo eterno que pagaria pelos erros, e Tim garantiu para que cada atrocidade que cometesse, anterior e posterior à captura de Rafael, fosse atrelado ao rapaz, que para sempre sentiria aquele cheio nauseante de carniça dos corpos da festa, e o corpo retalhado da mulher que lhe mostrou alguma luz.

No dia seguinte, uma matéria de jornal anunciava com ceticismo o massacre na mansão:

O MASSACRE NA MANSÃO NOGUEIRA

“Na última manhã, a polícia militar encontrou mais de duas dúzias de corpos mutilados na mansão do grande empresário Humberto Nogueira, também encontrado morto no local. Dentre as vítimas, encontraram-se os corpos dos detetives Rafael Lopes e Sofia Reis, que participavam da investigação da série de assassinatos envolvendo o criminoso Tim Hopkins, conhecido como a Fera dos 100 olhos. Apesar do estado de choque dos vizinhos, que não suspeitaram de nada no dia fatídico do crime, não foram encontradas evidências que levem ao misterioso assassino, já considerado um folclore urbano.

Segundo o delegado do 8º Batalhão, Alberto Moraes, afirma que a polícia irá atrás do culpado, esteja onde estiver. Este é o 11º caso envolvendo o bandido cuja verdadeira identidade permanece em oculto, sendo duvidosa até mesmo em sua existência: Serial Killers são conhecidos por cometer crimes doentios, mas a existência de uma criatura como nos filmes de terror é impossível de ocorrer.”

O Vampiro da Floresta

Bruno Resende Ramos

Bruno Resende Ramos nasceu em Viçosa em 1969. É escritor membro correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni (MG), webmarketer e organizador de antologias pelo projeto "Nova Coletânea".

<http://www.novacoletanea.blogspot.com>
brunoteenager@gmail.com.

O JOVEM KALÉ, de olhos da cor do açai, seguia os caminhos da tradição no encontro entre as aldeias botocudas e outras nações irmãs. Todos haviam sido convocados à pajelança pela cura de Ceci e Piatã, que se encontravam entre a vida e a morte.

Putucuiró, o pajé potiguara, iniciava seu transe narcotizando-se com o mascar do tabaco. Lambia a folha do fumo e erguia os olhos cheios de água, transitando pelo mundo do aqui e do acolá. Todos acorados ao redor do pote de suco do tabaco ficavam juntos à maloca. Kalé, iniciante, metendo o dedo naquele fumo e levando a boca, prometia cumprir tudo que fosse ordenado pelo seu chefe e pajé. Putucuiró, durante a sessão, defumou-o e tirou-lhe o sim da boca quando perguntou:

— Kalé, irmão de Apiúna, filho de Ceci e Piatã, aceita a convocação do sol e da terra, das matas e das cascatas, para trazer a flor de Iguaráci e a cura para sua aldeia?

— Sim.

— Então, eu te ordeno a que nos traga o mel da Jataí e desça as areias da pesca até encontrar a flor de Iguaráci.

— Como saberei que é a flor, Putucuiró?

— Kalé saberá... Isso basta!

— Quem irá comigo?

— Irá sozinho!

Partiu o potiguara, preocupado com os familiares.

— Kalé tem olhos de guerreiro. É forte e destemido como a onça pintada. — disse o chefe.

— O que pode destruí-lo? — Perguntou outro da tribo.

— A ele e a nós destroem os feitiços da mulher branca e o licor das plantas que fermentam e nos levam a cabeça. O que sei é que nosso guerreiro está pronto como o tucupi e o tacacá; e o espírito das árvores irá guiá-lo.

O caminho seria de descobertas. Após sete luas, Kalé sentia vultos o cercarem. A verdade é que algumas criaturas da noite o estavam espiando. Acreditavam os que o seguiam que ele seria um guia para um maior número de vítimas. As estrelas, como desenhassem um mapa, mostravam o caminho ao jovem aborígine.

Putucuiró, na tribo, sentiu que o menino estava em perigo, pois era seguido por um Caapora, e Kalé era um babaquara^{1}. Orou ao deus Tupi:

— Por que ele foi tão longe, ó Tupi? Nas ocas dos caris^{2}, meu Deus! Não entre na carioca, Kalé! Índio é abaetê^{3}, guarani. Isso é puçá^{4}, menino!

Em meio à névoa e à umidade da noite, Kalé ouviu uma voz sombria. Antes de dar um passo à frente, voltou para trás e deu-se de frente com um imenso ser de duas presas à boca, olhos vermelhos, como a um rato albino. Esse cheirava a sangue, embora

tivesse a tez de um anêmico. Cedeu Kalé um passo atrás para armar o arco e a fecha... Perdeu o equilíbrio, pois atrás de si, achava-se um grande abismo e uma imensa cascata. Caiu. Durante a queda, via a imagem da criatura voando rasante atrás de si; porém, antes que o pegasse, mergulhou nas profundas águas do riacho.

Laçado à beira do rio, o índio estava inconsciente.

Vindo na direção da ribeira, uma bela garota descia para se banhar. Pulou de um trampolim sobre as águas, desnuda, naquele inóspito e distante lugar. Emergindo, percebeu a órfã o vôo de Andyrás Apiúnas^{5} atrás de algo.

Buscou com os olhos a margem e viu o índio inconsciente; deduziu ser a caça. Aproximou-se, imaginando-o morto. Cautelosamente, saindo da água, trazia uma pedra às mãos, por precaução. Percebeu-o inerte. Sozinha, só podia imaginar o perigo de acordar e esse pegá-la de surpresa, por isso aguardaria o seu retorno à consciência. Antes que ele voltasse a si, arrastou-o até o pé de Jacarandá e o prendeu com cipós da mata.

À noite, o vampiro voava sobre o casebre e percebia o aroma do arqueiro potiguar. Ouviu-lhe a respiração e, cara a cara, em pleno vôo, pairava sobre ele.

O pajé, na tribo, pressentia o perigo do guerreiro. Putucuiró reuniu o povo em canções de guerra e decepou uma cabeça de cobra albina de olhos vermelhos. Misturou, sobre um socador de um metro de largura e metro e meio de altura, a uma poção viscosa e mal cheirosa. Todos tomaram e gritavam, dançando em círculos.

Sob o Jacarandá, a criatura pousava sem por as presas em Kalé. Num súbito, acordou o guerreiro e viu a criatura esforçar-se em mordê-lo. O índio tentou levar as mãos ao pescoço do monstro, mas as amarras do cipó o detiveram. Em certa vantagem o homem morcego ameaçava sorver o seu sangue, contudo, toda aquela agitação e barulho despertaram a jovem. Ela aproveitou a distração do vampiro com sua presa e mirou uma arma de alto calibre nas costas da criatura misteriosa, esperando que ela parasse de oscilar. Quando, entre as pernas, Kalé imobilizou o vampiro, ouviu-se o tiro.

A bala atingiu, para o embaraço da garota, os cipós e não o vampiro. Liberto daquele emaranhado pelo disparo, o guerreiro desferiu um soco na jugular do hematófago e quebrou-lhe as presas, espremendo o seu pescoço contra o tronco da árvore. O vampiro perdia muito sangue e sofria os efeitos da poção de Putucuiró, que chegava misteriosamente em suas narinas. Antes da derrocada total, transformou-se numa espécie menor e fugiu entre os dedos do nativo. Kalé gritou:

— Volte aqui, caipora!

A mesma poção que a um arruinava, a outro entorpecia, relaxava e o fazia, aos poucos, adormecer.

Pela manhã, a jovem percorria os olhos pelo terreno à procura dos sinais de luta e do jovem destemido. Deparou-se com muito sangue no chão e sobre Kalé. Pensando que estivesse morto, tocou-lhe as mãos. Ele, ao sentir-se tocado por algo, despertou agitado, trancando-a entre as pernas e comprimindo-a sobre o peito. Assustada, perguntou:

— O que vai fazer de mim?

Percebendo não ser a criatura, deixou-a.

— Não te farei mal algum.

— Você tem algo contra brancos?

— Precisam magia má. Destroem a vida por nada. Dinheiro, ouro, pedra... não podem virar comida. Potiguara planta; o sol e a água cuidam. Sangue de índio é rio calmo, sangue de branco, guerra.

— O que faz aqui?

— Ajudo mãe Ici e pai Iatã.

— Precisam de ajuda? Remédio?

— Sim.

— Acho que posso ajudar. Viver afastada de tudo me fez aprender a força das plantas. Bem, deixe-me livrá-lo da outra amarra.

— Você colocou o cipó? Quase morri... Você, como disse chefe, feiticeira, como todas brancas.

— Não! Não o conhecia. Tive medo. — explicou.

— Está sozinha? Aqui é muito perigoso. Vou devolvê-la a seu povo. Aqui não é o seu lugar.

— Venha até minha casa, preciso pegar minhas coisas — seguiram para a casa.

— Não, acho que não posso!

— Como não tem certeza, dúvida também não terá.

A casa mantinha a escavação do tempo sobre a parede branca. As raízes das plantas rompiam os tijolos da parede.

— Meu nome de índio Kalé. E nome de cari?

— Tenho muitos nomes.

— Não entendo. A moça ri... Bonita. — irresistivelmente atraído, leva as mãos aos cabelos dela. — Afastou-as repentinamente, pensando consigo: "Será que posso?"

Na tribo, novo levante. O chefe sente dores no peito. Todos no centro da aldeia pressentem o mal. No céu, as nuvens escondiam a lua. O negror da noite aumentava.

— Pajé, o que acontecerá ao povo?

— Os caris vão tomar nossas terras, reduzir os potiguara, vão cortar nossas raízes, as florestas, esquentar o raio do sol e queimar o nosso chão...

Enquanto isso, a jovem levava Kalé ao leito nupcial. Os olhos, num azul fascinante, cheios de sensualidade, faziam refletir o rosto do índio moreno. Envolto naquele carinho febril, mergulhava Kalé o seu corpo entre as pernas da jovem, transpirando sua sede.

Na tribo...

— Ó Airequecê^{6}, isso é mal de Anhanguera^{7}! — clamava o chefe da tribo.

— O chefe tem razão! — concluiu o pajé.

— O que fazer, Putucuiró? — indagou o chefe.

O pajé iniciava o Arituana^{8} e se ajoelhava. Todos se ajoelhavam com ele seguindo em oração.

— Ó Tupã, pai de manhuaçus e manhumirins^{9}, de Ceci e Piatã, não custe a cura desses filhos a vida de uma nação! Não abandone Kalé nos braços da cari! Ofereço os espíritos das plantas, a dança da guerra, as plumas aves e as cores do urucum. Ouve o

nosso tambor, o nosso grito! — E o grito ecoou por toda a tribo junto aos tambores potiguaras.

O fumo da queima de óleos e folhas subiam aos ares, ruflando ao vento as folhas magras da Juçara e do coqueiro. O sol fumava o céu corado de estrias odoríferas e todo o índio, com visagens abismais, batiam as bases das lanças no chão de barro, amassando-o até afundarem com elas os seus calcanhares.

Longe dali, a jovem sorria sob os carinhos frenéticos do índio, pedindo que cessasse. Sobre o seu corpo, ele estava surdo a qualquer apelo. Quando ela fixou os olhos sobre o teto, viu a criatura da noite descer de cabeça para baixo.

— Diga nome, moça bonita! — perguntava o potiguara.

A aproximação de tanta pureza à sua alma tornou-a inconsciente e imersa em profunda paz idílica. Sem perceber o que dizia:

— Sou filha de Anhangá. Uma Abaçai.

O índio não escutara, mas a jovem, após dizer seu nome, enrijecia a pele tomada pelo início de uma transformação. A criatura abria as asas sobre eles, e, reflexivamente, o jovem dizia:

— Minha Anhan... Anhan... O quê? Anhangá? — gritou.

O vampiro saltou repentinamente sobre os dois e, agarrados, não conseguiram se desvencilhar. A voz estridente ecoou nos ares:

— É meu, seu vampiro tolo! Saia já daí!

— Nem pensar! Livrei-te dos inquísidores! Deves isso a mim — reivindicava o hematófago.

Kalé teve o pescoço mordido pelo mau espírito da floresta. O aborígene tinha de ganhar tempo. Nu, não poderia alcançar as armas nem tampouco lhes fazer algum mal; até que ouviu:

— Por que não dividimos esse nativo? Só quero mesmo o sangue. — Concluiu o vampiro.

— Concordo! — adiantou a bruxa.

Kalé decidiu forçar a janela. Quando fez isso, não havia percebido que airequecê descera tão baixo para lançar como o sol suas luzes pela janela do casebre. E exclamou:

— Mas ainda é dia, Airequecê! — Louvava o giro da lua. Não sabia da obra de Puticuiró, que enfraquecia por deter a luz do dia.

— O quê? Não! Por que justo eu? — A luz, sob o feitiço do Pajé, penetrava os olhos da bruxa, dispersando sua malévola condição pelos ares da floresta. Só perceptível a olhos espirituais, a poção fazia arder a alma decaída daquela feiticeira.

Kalé, vencendo distâncias, chegava finalmente no que hoje é o Espírito Santo. Na margem do Rio Cricaré, achou a flor da cura. Apanhou a planta e a guardou num pequeno envoltório de pano. Voltando ao cerrado ao passar por Minas, encontrou na casca das árvores o mel da jataí. Sem mais nenhum assombro, retornou para sua tribo, sem perceber que um bando de vampiros da floresta o seguia pelo caminho. As sanguessugas, vendo a ingenuidade do potiguara, diziam entre si:

— É muito gentil, não acham? Não sabe que nos leva aos outros... Hahaha.

Kalé se incomodava por sentir o pulsar sanguíneo das criaturas. Seus dentes

doíam, dando a impressão de que alguns deles estavam crescendo rapidamente. Não sabia que estava fadado a prolongar por muito tempo sua estadia naquele lugar tão distante.

Com o Pajé no chão, o chefe da tribo perguntou a cerca do destino da tribo:

— Vencemos, Putucuiró? — Perguntou.

— A... Ain... Ainda não! — com a feição cadavérica e tomada de cansaço mortal, declarou o pajé.

— Mas como? — retrucou o outro com indignação.

— Kalé... Kalé... — E morreu, vencido pela maldição de uma wicca.

A lua voltava em cores sanguíneas, enchendo de pavor os olhos dos índios. Os arcos, as flechas, assim como as lanças, pareciam impotentes diante da escuridão que os cobria. A filha do pajé, uma índia com o ventre pintado de sol, caía em meio à tribo com o colo rasgado, as entranhas às vistas. Retornando do sonho mortal, Piatã rompeu o véu que o cobria e alçou aos ventos do oeste, bramindo contra as mazelas que caíram sobre todos. Ao descer os olhos, vislumbrou a cena de horror e destruição sobre a tribo. Índios empalados como estandartes da dor, e índias divididas ao meio na disputa entre andyrás.

Após certo transe, Piatã subiu no tronco da cabiúna e lançou inúmeras setas que cruzaram os céus. Do alto desciam, como vespas no néctar, vampiros e seres alados, semeadores da morte, que vinham para chacinhar os índios. Muitos foram abatidos pela exímia pontaria de Piatã. As bruxas cercavam virgens e arrancavam seus escalpos, enquanto o nefasto e iníquo Andyrá Apiuna cravava as adagas nos pescoços dos destemidos guerreiros guaranis e sugava-lhes o farto sangue.

Descomunais pés batiam no solo, causavam tremor e confundiam os arqueiros. Infelizes os que fitavam o rosto da criatura: tinha a boca enrugada e viscosa, os pés avessos erguendo a perna fina, esverdeada e peluda, até seios murchos e ombros arqueados. Não tinha olhos; no lugar do globo, uma escuridão horripilante. Era a rainha das bruxas a reivindicar o poder de conduzir os espíritos das árvores com suas poções. Juntos, vampiros e bruxas dividiriam um reino de maldade e devassidão.

Entretanto, após sua metamorfose completa, diante da transformação lunar, Kalé ganhava músculos hercúleos e presas colossais. Em sua ferocidade, desferiu com grande força um grande golpe sobre o vampiro que o cercava. Seguidamente, derrubava aquelas criaturas.

No momento em que se deparou com a bruxa da cabana, agora na sua forma mais autêntica, temeu. Ela, envolta por uma névoa bruxuleante e possuída de ódio, emitiu pelo sopro de sua boca uma fragrância entorpecente, a fim de o enfraquecer.

Após profundo encantamento, caminha o mais novo Vampiro da Floresta rumo aos braços da maldita Anhangá, semelhante a um sonâmbulo. Essa lhe despe da imensa capa e retira suas armas. Tomba o pobre sua cabeça no ombro séquido e sente-a tocar seu abdômen. Quando percebe longas unhas abrirem em leque sobre seu ventre, abre as presas e arranca o ombro e o braço direito, que desprende do corpo da bruxa, quando ele se ergue num salto.

Antes que ela se recompusesse, Kalé, o vampiro da floresta, esmiuçou os ossos daquela criatura que mantinha em mãos, depositando-os sobre o socador que continha uma poção ritualística. Tudo isso para que, de repente, sumisse a névoa e a lua da sua visão e

reduzisse em cinzas sua maior antagonista. O sol já mostrava a tintura alaranjada nos ápices das árvores mais altas. Os demônios hematófagos que restavam encobriam suas visões e escapavam sorrateiros pelas sombras. Kalé, vendo todos em fuga e acometido do mesmo pavor, parte para o oco de um tronco onde se escondia Piatã.

— Que bom vê-lo, Piatã!

— Estou aqui porque você me salvou.

— Estou cansado, mas preciso saber: como o salvei, se Putucuiró não fez a poção do mel e da flor para que retornasse?

— Salvou-me pela sua coragem, seu destemor, mas como quebrou nossa aliança, deitando-se com a cari, uma bruxa, nem tudo se cumpriu.

— Onde está Ceci? E a Profecia?

— Ceci não retornará por sua causa e eu me voltarei para o meu descanso nas águas do rio. Vi muita tristeza, que não cabem em meus olhos. Quanto à profecia, não sei. O tempo é que poderá te dizer. Veja só o que restou! Por sua braveza, duas virgens, um ancião, três guerreiros bons de caça e pesca. Deve dar continuidade ao seu legado.

— Mas...

— Sem "mas", menino... Não deixe custar mais vidas as suas dúvidas. Não hesite em fazer o bem e não se deixe provocar por algo que desconhece. Por causa de uma cari, não poderás mais fitar Tupã. Dele é o dia. Tua é a noite. Saiba usar disso em seu favor e da tribo. Se for o nosso Vampiro da Floresta, nada mais haveremos de temer.

À noite, na tribo, entregou as virgens a dois corajosos guerreiros. Ao ancião delegou preparar o mais novo dos guerreiros nas artes da pajelança. Por um chefe todos ainda esperam numa próxima geração, com a promessa de cumprirem a profecia de um dia serem uma grande nação. Para isso, contavam pelos séculos vindouros com a guarda de um índio que era vampiro, ordeiro e destemido. Andyrá Apiúna, Vampiro da Floresta.

Relato de um irmão Inexistente

Luiz Teodosio

Luiz Teodosio é Carioca, nascido em 1990. Desde criança é apaixonado pelos universos contados em histórias, seja nos filmes, games, e principalmente nos animes. Tal intimidade só ganhou novas proporções com sua imersão ao mundo dos livros na adolescência, e foi justamente esse novo contato que desencadeou um desejo latente concebido na infância: o de criar histórias. Ironicamente, embora tenha dormido ou desviado sua atenção para qualquer outra coisa nas aulas de português, em 2011, ingressou no curso de Letras-Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde espera aprimorar a escrita, ampliar seu conhecimento, além de visar a área editorial. Atualmente, na peleja para concluir o primeiro livro.

É conhecido na internet com o pseudônimo de Luiz Dreamhope. ou seguí-lo no twitter.

luizfteodosio@hotmail.com

<http://luizdreamhope.blogspot.com>

<http://twitter.com/LuizDreamhope>

NO INTERIOR DA cidade de Nova Vida, um bairro chamado Ventura possui renome por suas ocorrências sombrias. Este é o único lugar no Brasil em que quando se olha para o céu, corvos voam como se estivessem em seu habitat natural. Um bairro praticamente rural, onde em cujas florestas e montanhas jaz o desconhecido.

Eu avisara tantas vezes para ele não entrar lá! Por que meu irmão foi tão teimoso? Será que fez tão pouco caso assim das advertências que não faltam por aí?

Não foi apenas meu irmão, sei que muita gente segue a mesma mentalidade, tão afoitas e ignorantes, que batem de peito com o desconhecido, inscientes do mal que isto pode trazer. Relatos de acontecimentos sinistros envolvendo as florestas e as montanhas aqui de Ventura é o que não faltam. Na escola Ventura, que é a única do bairro, cansamos nossos ouvidos de tanto escutar coisas relacionadas àquela floresta que fica bem ao lado de onde estudamos. Às vezes dá até medo de olhá-la. E mesmo assim, meu irmão Mateus adentrou naquele lugar por aventura. Faz duas semanas que isso aconteceu, e ele não voltou. Apesar dos avisos dos meus colegas para me manter calmo e deixar o trabalho com a polícia, eu não podia suportar. Na manhã do dia seguinte, eu entraria na floresta.

O frio na espinha é ainda maior diante de algo bastante temido. Olhando-a de longe, a intensidade do medo era menor, pois a floresta não faria mal nenhum enquanto me mantivesse distante. O contrário agora acontecia. A poucos passos do inquietante lugar, sentia que a qualquer momento algo poderia irromper da mata e me puxar para o seu âmago. Não estou simplesmente me aventurando neste lugar maldito, o risco é pela vida do meu irmão que certamente está sendo mantido vivo floresta adentro. Não podia retroceder agora.

Após os primeiros minutos de tensão, caminhando por aquele solo úmido e forrado de folhas, comecei a me acostumar com o ritmo acelerado do coração. O suor que escorria do rosto não era mais um incômodo. Talvez minha mente estivesse se acostumando com a característica inóspita do ambiente. Li em algum site da internet que o ser humano tende a se acostumar com as adversidades da natureza e sempre procura uma forma de se manter vivendo no meio do caos. Não sei se esse atributo também se aplica aqui, mas espero que sim.

Quase meia hora caminhando, e o silêncio começou a me angustiar. Apenas ouvia-se o som dos meus passos amassando as folhas e a terra fofa. Não tinha certeza se era um bom ou mau presságio a floresta ainda não ter me percebido, nem mesmo animais eu avistei pelo caminho. Enfadado pela quietude, resolvi quebrá-la chamando o nome do meu irmão. Meu grito ecoou por toda a brenha, e como resposta a meu chamado, inúmeros corvos que se mantinham anônimos no cenário, atuando apenas como espiões, adejaram dos galhos e grasnaram. Olhei para o alto e vi borrões negros cruzando as

árvores e soltando penas escuras. O graso era um som forte e ressoante capaz de fazer toda a floresta escutar. Tive a impressão que aquela cena era uma espécie de alarme, sinal que algum humano corajoso penetrara no inóspito território.

Mais alerta que nunca, prossegui com minha caminhada, varrendo com os olhos sempre em volta. Não fazia ideia do que meus olhos poderiam presenciar: meu irmão ou alguma coisa insólita. O medo atenuara o desejo de encontrar Mateus, dando espaço para o terror preencher minha mente. Tudo o que mais queria era sair dali. Sentia-me como se pouco a pouco me desfalecesse psicologicamente, a tensão era tamanha que não sabia por mais quanto tempo minha mente poderia aguentar antes de entrar em colapso. A impressão que eu tinha era de que o mundo real se afastara completamente na imensidão de árvores ao redor, mais ainda, ele parecia não existir mais para mim. Localizava-me num lugar distante. Era como entrar pela toca do coelho e nunca mais ter a chance de voltar.

Coisas assim sempre acontecem de repente. Não esperava ouvir a voz do meu irmão, e me assustei quando o identifiquei chamando meu nome. “Fábio”, eu ouvia; o som sendo carregado pela brisa que preenchera o local, impelindo as árvores a farfalhar. Escutei novamente, e me atei em descobrir a direção de onde ele vinha. Uma terceira vez foi o suficiente. Meu nome era pronunciado num tom apelativo, sem entusiasmo, mas aflitamente desejoso.

Corri. Pela primeira vez estava correndo naquele lugar sombrio sem a mínima cautela, apenas preocupado em avistar a imagem de meu irmão. Percorri um declive sutil, chegando quase a tropeçar em alguns cascalhos. Foi então que avistei mais abaixo, numa clareira coberta por pequenas pedrinhas, a silhueta de Mateus, meu irmão de treze anos. Acorri até ele, pisoteando o solo pedregoso e chegando ao centro da clareira.

— Mateus! — Cheguei amparando minhas mãos nos ombros dele, mas sua cabeça estava abaixada, olhando para o chão. — Mateus! — E ao ser chamado pela segunda vez, lentamente, ergueu o rosto, e nossos olhos puderam ver um ao outro. Ele mantinha uma expressão vazia, como se não me visse mesmo me olhando de perto. Não falou nada durante alguns segundos. — Mateus! Está me vendo? Mateus! — Sacudi-o, tentando tirá-lo do transe. — Está me reconhecendo? — Eu começava a me preocupar.

— Garanto que sim. — Não foi Mateus quem falou. A voz saía de alguém que entrava na clareira naquele momento. Rapidamente avistei o indivíduo: um homem de manto negro e encapuzado. Tinha pinta de ser um religioso pela vestimenta incomum. Isso não me causou um bom pressentimento. Soube que há muitos anos, a floresta de Ventura fora palco do encontro de seitas religiosas e provavelmente, apesar de não se encontrar muitos relatos atualmente sobre elas, algumas crenças ainda são seguidas por fiéis remanescentes de tempos passados.

— Quem é você? O que quer? — Duas perguntas básicas que eu sabia que não seriam respondidas, e não foram mesmo. Então fiz mais uma: — O que você fez com meu irmão?

Escutei passos, e quando me dei conta, outros encapuzados começaram a se aproximar ao redor. Estava cercado, devia ter uns dez deles.

— Que linda reunião fraterna — regozijou um deles, precedido de uma risada

macabra. Os outros seguidores também pareciam provar do mesmo êxtase. Tinham algum evento maléfico em mente. Eu precisava sair logo daqui, e levar Mateus junto comigo. Procurei a mão do meu irmão e tentei puxá-lo, mas ele não se moveu.

— Mateus, vamos! Temos que sair daqui! — insisti, puxando-o com todas as minhas forças, mas ele não cedia. Foi então que discerni um semblante diferente em seu rosto, desta vez, ele parecia reconhecer-me, mas me lançava um olhar lamentoso.

— Me desculpe. — Não soube o porquê dele estar se desculpando. Ele recomeçou num tom soturno — Eu sempre te elogiei demais, você sempre se mostrou melhor do que eu em tudo que fazia. Sei que não deveria ter este sentimento, sei que é uma coisa ruim, mas não consegui evitar. Todos adoram você, sempre um cara legal, sempre um irmão legal, sempre amado por todos e capaz de fazer muitas coisas. Quando descobri este lugar, e descobri o que poderia fazer nele, fiquei com medo num primeiro momento, mas vi que aqui era o único lugar do mundo capaz de realizar meu desejo. — E Mateus me olhou sedento — O desejo de ser igual a você.

— Façam! — bradou um dos religiosos. Todos ergueram suas mãos em nossa direção, e o chão tremeu. Sob os meus pés e de meu irmão, uma plataforma de alguns centímetros de altura emergiu do solo. Discerni um símbolo peculiar no plano rochoso da plataforma: a imagem de duas asas negras.

— Mas o que...? — Quando fui olhar novamente para Mateus, o corpo dele estava emitindo um brilho dourado. Vi uma expressão sedenta e satisfeita preencher seu rosto, e foi justamente isso que me paralisou. Ainda não acreditava que meu próprio irmão tivesse a ver com tudo aquilo. Uma conclusão cruel e lancinante aflorou em minha mente. Foi tudo planejado! Ele desaparecera de propósito para me atrair à floresta, pois sabendo que me preocuparia demais, apostou que mais cedo ou mais tarde iria atrás dele. Ele armou isso para mim! Meu próprio irmão! Não tive tempo de sentir ódio ou tristeza pela descoberta, apenas assombração.

Uma figura luminosa ascendeu parcialmente do corpo de Mateus, posicionando-se sobre sua cabeça. Tal silhueta dourada assemelhava-se de maneira disforme a imagem de Mateus. Não tive tempo para refletir sobre a verdadeira natureza deste espírito estranho, ligeiramente ele esticou uma de suas mãos e atravessou minha cabeça. A carne não foi ferida, mas minha mente pareceu estar sendo quebrada por dentro. Meu corpo tremeu, saliva escorreu pelo meu queixo, meus olhos se reviraram, e infinitas imagens e memórias em minha mente pareciam estar sendo sugadas por um buraco negro. E após tudo ser tragado, apenas me restou o vazio.

“Eu” estava morto.

Fábio estava morto, mas vivo... dentro de mim.

Incorporando e revivendo as memórias de Fábio, como se fosse o próprio, este relato foi escrito por Mateus, após assassinar a existência do irmão e furtar tudo o que ele era. A vida, o corpo e a mente dele se tornaram seus. E a vida passada de Mateus perdeu-se na floresta de Ventura para sempre junto com seu corpo material.

Um fenômeno assombroso que ocorreu num lugar muito distante da ingênua realidade humana.

Praga Noturna

Emanuel R. Marques

Emanuel R. Marques é formado em Comunicação Audiovisual e já trabalhou em televisão, assim como já ganhou a vida a fazer visitas num convento e museu do séc. XV.

"Autor dos livros de poesia "Antologia dos dias esquecidos", "Madrugadas indefinidas" e do livro de contos "Sui Generis-Contos DeMentes". Tem colaborações em várias revistas e webzines, tanto em Portugal como noutros países (ex: Miasma, Abismo Humano, Lama, Twisted Dreams, Dark Gothic Ressurrected). Participa das antologias "Novos talentos fantásticos 2009", "Poetas em desassossego-Caminhar no Mundo", "Casos minimalistas" e "Alquimia das Letras".

Membro do projecto musical "Unquiet Lost Devotion".

Colaborador em projetos de diversos campos artísticos.

AQUELA NÃO SERIA apenas mais uma noite. Os habitantes de “Vila Maldita”, nome pelo qual não conhecida por se encontrar a vários quilómetros de distância da população mais próxima e devido à sua íngreme localização geográfica, estavam tão longe de imaginar o bizarro episódio que os aguardava quanto de encontrar algum socorro.

O calor que se fazia sentir estonteava todas as mentes, provocando o mais ácido suor que aquelas pessoas haviam alguma vez experimentado em toda a sua vida. Os cães que divagavam com os seus donos pelo jardim principal corriam desorientados, havendo mesmo alguns que, superiores à atenção dos seus tutores, se lançavam à morte no pequeno canal de rio que atravessava o dito jardim. Gaivotas e morcegos chocavam entre si em voos desenfreados semeando sobre as estradas e os telhados os seus corpos moribundos. As crianças, que nunca haviam estado em outras terras, ouviam os pais comentarem abismadamente o facto de gaivotas estarem a sobrevoar aquela zona, que tão longe se encontrava do mar.

Subitamente, dos céus abriu-se uma forte chuva que despertou em espanto todos os habitantes. Para os que procuraram a frescura da água naquela chuva, a estranheza foi ainda maior, pois quentes eram os pingos que desciam e incómoda a sua dança sob a contradição de um gélido vento. Os gritos começaram a ser ouvidos, como se todas aquelas pessoas estivessem sob o comando de um maestro que lhes indicasse o unísono da melodia. As ruas da Vila eram uma correria desenfreada e os primeiros corpos humanos começavam a cair, como se um súbito e inexplicável vírus decidisse que havia chegado o momento do apocalipse. O pânico e o desespero eram armas ineficazes contra o que estava a acontecer. Os mais velhos, que contra todos os avisos tinham sido os primeiros a habitar aquela terra esquecida por Deus e pelos homens, rezavam consecutivamente, como se penitentes por uma qualquer maldição que haviam ignorado.

No hospital local, se é que se poderia considerar como tal o velho e sujo barracão que usava este nome, também o único médico e os poucos técnicos de saúde padeciam do mesmo problema. Foram chamadas ambulâncias de povoações vizinhas, mas assim que entravam nos limites daquela Vila maldita também os seus ocupantes eram afectados. Um helicóptero que tentava prestar auxílio, acabou por se despenhar quando entrou no espaço aéreo da Vila, visto o seu piloto ter sofrido um letal desmaio durante o voo. Muitos acharam que o avistamento deste helicóptero e a chegada das ambulâncias não passou da alucinação dos desesperados que gritavam estas informações, visto não existirem tais meios tão próximos e ser extremamente difícil encontrar aquele lugar sem um guia conhecedor dos labirínticos trilhos que permitiam lá chegar. Uma coisa era certa, todos os que tentavam fugir eram misteriosamente eliminados antes de conseguirem concretizar o seu objectivo. Ninguém estava a ser poupado.

A meio da noite, a neve começou a cair, cobrindo com o seu pálido manto

todo o espaço que delimitava a Vila. Os poucos que ainda permaneciam vivos ou conscientes olhavam o céu espantados, pois nunca havia nevado naquela região. O silêncio crescia à medida que a manhã se aproximava e, assim que o sol enviou os primeiros raios, a neve começou a permitir que os estragos fossem visíveis. No entanto, apesar de quase todos os seres haverem morrido, não havia sinal dos seus corpos, como se a neve os fizesse misteriosamente desaparecer, limpando assim a Vila.

Os mais audazes puderam provar que o implacável efeito daquela noite havia passado, pois caminhavam já pelos áridos caminhos da Vila e continuavam vivos. Mas ela estava vazia, as casas abandonadas e os terrenos sem vestígios de qualquer erva ou flor. O mistério e o medo tomavam conta das deduções destes primeiros aventureiros, que caminhavam receosos pelas ruas desertas e ouviam o cantar dos primeiros pássaros que, como eles, também exploravam aquele território e permaneciam vivos.

Então, para seu espanto, ouviram uma doce melodia ser cantada por uma voz feminina. Uma sobrevivente? Alguém que também acabara de chegar? Acorreram, de imediato, a confirmar a origem daquele canto.

Era, de facto, uma mulher, que se encontrava a escavar um buraco no chão, não muito longe do local onde eles a tinham ouvido. Quando se aproximaram, ainda pensaram que talvez ela estivesse a enterrar o corpo de algum familiar, mas não haviam quaisquer vestígios de cadáveres, pelo que o acto de cavar, juntamente com o canto e com a indumentária que ela envergava, uma longa túnica castanho-escuro, levantou o sinistro temor do desconhecido. O mais ousado do grupo, com uma voz rouca e um pouco reticente, dirigiu-se à desconhecida e perguntou-lhe se precisava de ajuda e qual o motivo da sua árdua tarefa. Ela, sem desviar os olhos da sua concentrada missão, desviou o longo cabelo negro do rosto e respondeu-lhe que o nascimento estava para breve. Em seguida, voltou a escavar com uma veemência ainda maior. Eles ficaram indignados, mas imaginaram que ela estaria em estado de choque, pelo sucedido durante a noite, e talvez tivesse perdido toda a família ou alguém muito amado. Um outro elemento daquele grupo, já de idade avançada, repetiu a pergunta, mas com uma voz mais doce, quase paternal. Ela, fazendo então uma breve pausa, olhou fixamente para ele e afirmou que eles não pertenciam ali, que saíssem imediatamente, pois eles estavam a chegar e não iam permitir a presença de criaturas inferiores. Terminando de responder, voltou a erguer a sua pá e continuou a escavar.

Durante alguns minutos, aqueles homens ficaram a contemplar e a comentar o seu bizarro achado, até que, rompendo o único som que se fazia ouvir, que era o da terra a ser penetrada pela pá, a misteriosa mulher começou a rir desenfreadamente e pousou o seu utensílio. Fez-se uma pausa na conversa dos observadores. Do buraco que ela escavara começaram a surgir monstruosos grunhidos e, para espanto daquela plateia, começaram a sair estranhas criaturas. A mulher continuava a rir de felicidade. As criaturas, que estavam nuas, eram semelhantes ao Homem, mas todas pareciam ter no mínimo três metros de altura e um peso compatível. Caminhavam curvadas, de forma cambaleante e, por vezes, apoiavam-se nas mãos para controlar alguns movimentos. No entanto, sempre que alguma elevava todo o seu corpo, num ruidoso espasmo de raiva, percebia-se que conseguiam mover-se com alguma velocidade. A cor da pele era de um

cinzento quase prateado e todas possuíam fartas cabeleiras que se arrastavam pelo chão, apesar de o restante corpo ser completamente desprovido de quaisquer pêlos. Semelhante a um truque de ilusionismo, daquele buraco saíram incontáveis seres de ambos os sexos. O cheiro que emanavam era animalesco e pareciam não comunicar entre si, com exceção dos sinistros grunhidos que tomavam conta do ar. A mulher que os libertara deixou de ser visível, tal era a parede que a escondia. Os seus risos anteriores foram substituídos por gritos de horror, como se tivesse acordado para a realidade que a rodeava, mas rapidamente esses gritos cessaram sem que o amedrontado grupo de homens pudesse decifrar o que lhe havia acontecido.

Estavam aqueles humanos em desesperada fuga, apesar de alguns haverem sido já alcançados e desfeitos pelos gigantes seres, quando um dos mais jovens tropeçou e caiu junto a uma roseira. No seu pânico, e percebendo que estava quase a ser alcançado por uma fêmea daquela espécie, arrancou uma rosa e elevou-a em direcção a ela. A criatura, estranhando o gesto, ficou a olhar para a beleza da rosa e voltou para trás, poupando-lhe a vida.

Nunca o ser humano voltou a entrar nos limites daquela Vila maldita. Os sons emitidos pelos estranhos seres conseguiam, por vezes, ser ouvidos à distância, por corajosos aventureiros ou viajantes perdidos que passavam junto àquela região.

O jovem rapaz continuou a acreditar no poder que um gesto tão simples e bonito, como oferecer uma rosa, poderia ter para tocar o coração daquele ser. O que ele não percebeu foi que o motivo para aquela fêmea ter voltado para trás e não o ter matado foi ele estar já fora dos limites da Vila, motivo pelo qual também lhe foi possível encontrar uma flor com vida.

O Ponto Perdido

Renata Galindo Neves

Renata Galindo Neves nasceu na cidade de São Paulo, em 14 de outubro de 1993, mas cresceu em Jundiaí, cidade do interior paulista. A grande paixão pela leitura iniciou-se ao mesmo tempo em que era alfabetizada quando criança, o que deu margem, naturalmente, a uma simultânea paixão pela escrita. Aos doze anos, conquistou o primeiro lugar no primeiro concurso de redação da biblioteca pública de sua cidade, e, no ano seguinte, conquistou a quarta classificação. Hoje aos 17 anos de idade – época da publicação do conto “O Ponto Perdido” - pretende continuar a carreira literária, com enfoque principalmente no gênero da ficção científica.

UM GRANDE NAVIO navegava pelo Oceano Índico já havia dois meses e meio. Sua tripulação, composta de robustos homens que falavam línguas de origem latina, já estavam acostumados à rotina monótona à qual estavam reclusos na velha embarcação. O objetivo dos tripulantes era chegar ao Oriente para buscar pedras preciosas. Mas, há cerca de um mês, uma calmaria agonizante instalara-se naquele pedaço de oceano, e vento nenhum ousava se aproximar para levar os navegantes a qualquer ponto que fosse.

Como se não bastasse a falta de notícias do mundo ao redor, os homens às vezes tinham a impressão de que sequer havia um mundo ao qual um dia voltariam, tamanho era seu isolamento. Os dias eram quentes e abafados, e deixavam todos muito sonolentos, dificultando o andamento dos cuidados com o navio. As noites eram piores: a sensação era de que o frio congelaria cada osso e cada junta do corpo, e que logo cada uma dessas partes poderia trincar e se desfragmentar em centenas de pedacinhos recobertos de gelo e sangue. Essas imagens eram cada vez mais frequentes nas conversas do grupo, e a sensação horrível parecia aumentar à medida que o barco, devagar e raramente, rumava para sudeste.

Num final de tarde, o tempo abafado lentamente começava a dar lugar à usual noite gélida. Na cabine em que todos dormiam, havia uma fresta num canto de uma parede que formava um ângulo reto com o chão, e através dela era possível entrever o corredor do outro lado. O fragmento de madeira que antes existia ali fora arrancado violentamente pelo vento num longínquo dia tempestuoso, quando o navio passava por tempos mais agitados. A fenda na parede deixava entrar uma fina corrente de vento gelado na cabine, exatamente no ponto onde os marinheiros estavam reunidos. Cada um tentava se aquecer da melhor maneira que podia, embora nenhuma cobertura parecesse boa o bastante para essa função. Foi quando todos ficaram em silêncio, cada qual com seus íntimos devaneios infelizes, que se ouviu vindo de fora um barulho.

Houve quem dissesse que se tratava apenas de ratos; outros acreditavam que os ratos dali já haviam morrido congelados há muito tempo, e outros alegaram que o melhor era averiguar. Chegando ao consenso de que deveriam sair juntos, lá se foram os dez marinheiros ao convés. Neste ponto, o céu estava já muito escuro, mas a luz de algumas estrelas deixava visível o interior do barco.

Quando saíram da cabine, a primeira coisa que notaram é que o navio estava se mexendo a uma velocidade um pouco maior do que o comum àquela hora. Isto só poderia indicar uma coisa: viria aí uma tempestade. As tempestades eram boas no sentido de que sempre havia a possibilidade de moverem o barco em alguma direção. Porém, nunca se tinha certeza de que se sairia vivo de uma. Os marinheiros entreolharam-se receosos. Nenhum deles esperava uma tempestade agora, pois o céu, nos últimos dias, não dera sinal algum de que os ventos se abrasariam na direção em que se encontravam.

Antes mesmo que qualquer um deles pudesse dar alguma ordem ou começar a agir, uma chuva pesada começou a cair do céu. Não levou mais que alguns segundos para que o chão ficasse escorregadio e a água caísse freneticamente.

Diferente de um temporal normal, este vinha muito rápido e muito forte, ensoando todos os objetos de navegação que estavam espalhados pelo soalho e todos os homens que tentavam desesperadamente regressar às cabines. A impressão era de que a tempestade, caso tivesse uma alma, estava condenando-os e repreendendo-os a cada vez que tentavam ficar a salvo. Não houve um homem que não tivesse escorregado no piso molhado pelo menos uma vez e caído de costas direto no chão duro.

O navio movimentava-se bruscamente. A chuva e a ventania formavam uma combinação e tanto, porque contribuíam, juntas, para deixar os pobres marujos completamente desorientados. Eles já não conseguiam ver uma telha sequer à frente, conforme as rajadas de água e vento cegavam-lhes os olhos.

Tão forte quanto o barulho natural do temporal era o barulho das vozes dos marinheiros. Estes gritavam uns pelos outros, pedindo que agentassem firme, ou então rezavam. Mas a esperança parecia algo muito distante. Somava-se a esses ruídos ainda outros, mas não se podia dizer de onde exatamente vinham. Durante toda a borrasca, o navio chacoalhava para todos os lados, deixando a tripulação à mercê.

De repente, tudo ficou escuro. Já não havia mais estrelas para iluminar um pouco; era só o breu. O mais estranho é que se ouvia a tempestade, mas já não se podia senti-la. A escuridão e o reinava soberanamente, e fazia tremer até os mais valentes. Era como se tivessem entrado em algum lugar seco, inacessível para a chuva.

— Aaaargh... Morieris! — um grito alto, másculo e rouco cortou o silêncio. A voz vibrante era crescente, mas quase automática, como se maquinalmente pronunciasse um encantamento. Todos se assustaram quando se deram conta de que ela vinha de dentro da própria embarcação. A palavra foi dita novamente, e não demorou para se tocarem que de fato ela lhes jogava uma maldição, sem dúvida em latim, a língua morta, sombria e propícia para a magia negra mais poderosa, segundo as lendas de marinheiro que sempre reinaram entre seus companheiros.

A palavra era repetida cada vez com mais entonação e emoção. Como produzia eco, mesmo as mentes mais assustadas foram capazes de perceber que deviam estar num lugar que tinha paredes, alguma espécie de caverna perdida no meio do vasto oceano, ou no meio do nada.

— Quem é?! — Aventurou-se um dos marujos a perguntar. Ele tremia muito, mas não deu tanta importância, porque, afinal, estava escuro, e mais preocupante seria se a resposta viesse também da proa, próximo de onde ele estava, bafejada em sua nuca.

Súbito, uma luz pálida, vinda de algum ponto no negrume, pousou logo acima de um dos homens. Ficou claro quem havia pronunciado as palavras: era o marinheiro mais calvo, de uns cinquenta e cinco anos de idade, o integrante mais recente da tripulação. O que se sabia sobre ele era apenas que sua esposa havia se matado, logo após enforcar seu filho. Durante toda a viagem, ele havia sido o sujeito mais calado e misterioso da tripulação. No começo da expedição, os outros até tentaram conversar com ele, mas logo desistiram, visto que a única coisa que recebiam em troca eram respostas nefastas e

olhares que anunciavam o perigo a quem se atrevesse a ir mais além.

O homem adiantou-se, deu alguns passos firmes em direção à borda do navio e surpreendentemente mergulhou na água. Todos aguardaram boquiabertos.

Quando emergiu, a luz cálida ainda parecia segui-lo. Ele nadou até uma pedra esbranquiçada que estava encostada na beira da caverna e subiu nela. Pegou alguma coisa do chão e a riscou em outra. Um fogo fez o lugar ficar mais iluminado e foi possível enxergar a caverna por completo. Havia nas paredes palavras ininteligíveis escritas em cor escura, possivelmente vermelho. Certamente era sangue seco, até porque algumas letras apresentavam manchas viscosas que haviam escorrido assim que foram passadas na pedra. Inclusive, se os marujos respirasse bem – coisa que ninguém ousava fazer direito – seria possível sentir o cheiro nauseante de fósforo e sangue misturado ao odor de carcaças de animais mortos.

De repente, o homem calvo apontou um dedo longo para outro marujo. Este era jovem e sadio, de pele morena e cabelos queimados pelo sol.

— Você! — sibilou o primeiro, mantendo o gesto. Era como se convocasse.

Lentamente e sem contestar, o belo e jovem moreno ergueu-se da superfície. Seus pés suspenderam-se no ar, sem apoio. Foi fluando na direção do outro, calmamente, como se simplesmente caminhasse. Seu corpo parecia leve no ar, e exibia uma expressão vazia congelada no rosto. Os olhos fitavam o vazio e a boca permanecia entreaberta, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, sem, contudo, realizar qualquer ação.

Tal qual alma penada, o rapaz continuava a ser levado pelos ares para cada vez mais perto do velho invocador. No momento em que pousou, o corpo foi ao chão. Parecia não haver mais nenhum osso mantendo-o firme. Seu corpo ficou estirado sobre a pedra, mas sua cabeça pendeu solta, acima da superfície da água marinha.

O marinheiro misterioso ergueu a cabeça do jovem e a apoiou em seu joelho, disse mais algumas palavras ininteligíveis e a largou com um baque sobre a pedra novamente. Todos arfaram quando viram que um filete de sangue escorria da nuca do rapaz. O velho ficou obviamente satisfeito, e era a primeira vez que alguém o via esboçar um sorriso. Em sua boca faltavam alguns dentes, e quando ele sorriu seu lábio se contorceu e suas rugas se repuxaram para cima formando uma careta feia e demoníaca. Ele emitiu uma risada aguda, um som que provavelmente só viria de uma criatura do inferno, como um demônio.

Os marinheiros no barco se puseram a rezar, mas não havia nada que pudessem fazer. O cheiro de carniça aproximava-se de suas narinas, e, à medida que ficava mais forte, eles tinham a certeza de que sua hora estava mais próxima.

O velho tornou a falar, mas outras vozes, vindas de algum lugar, ou de todos os lugares, repetiram suas palavras como simples ecos:

— A Morte se abateu sobre este rapaz. A alma dele agora vive no fogo e é encarregada de levar as de vocês como companhia. — houve uma pausa, durante a qual só se ouvia o som do sangue do cadáver pingando lenta e uniformemente na pedra - Assim, haverão todos de morrer.

Dito isso, o homem abriu os braços, equilibrou-se na ponta da rocha, mirou o

navio à sua frente e a embarcação foi atingida pelas chamas. Os marinheiros pularam na água imediatamente, mas aquele não parecia ser um fogo comum. As labaredas esboçavam tonalidades de vermelho e verde escuro. Num fechar de olhos, atingiram o navio inteiro. Das chamas ardentes, nem todos puderam se salvar.

Como veneno, o odor que subia das chamas infernais atingia mesmo aqueles que haviam conseguido se jogar na água. Não havia outro caminho para aqueles infelizes indefesos: ou respiravam o ar contaminado, ou se afogavam. A morte os cercava antes mesmo que pudessem fazer a escolha. Um a um, a vida foi deixando cada ser ali presente. Os corpos expeliram umas últimas bolhas de ar e afundaram.

O velho, gargalhando como um demônio possesso, balançava-se para frente e para trás, e seu corpo tremia e parecia prestes a explodir conforme as violentas risadas que dava, até que também despencou da pedra. Porém, sua feição parecia triunfante e ainda mostrava aquele sorriso maligno, que parecia muito vivo mesmo quando se tornou apenas um defunto submergindo nas frias águas oceânicas.

O lugar não tardou a ficar vazio e escuro outra vez. O cheiro da morte demoraria para sair dali - tempo suficiente para que alguma outra alma náufraga fosse aparecer naqueles lados. No entanto, o mais provável é que, assim como nem mesmo as ondas detectoras de um radar ousam até hoje chegar perto daquele ponto perdido no meio do oceano, nenhuma alma viva se arriscaria ao mesmo. Não, a localização exata jazará para sempre indecifrável, de modo que só aqueles que são arrastados por uma tempestade voluptuosa e arrebatadora têm a chance de encontrá-lo. Os demônios e os espíritos que por ali ainda rondam, lá permanecerão, perdidos num ponto em que a vida não encontra caminho de volta.

Não, não era...

Jonathan Cordeiro Cavaca

<http://ospiratasdaliteratura.blogspot.com/>

jowcordeiro@hotmail.com

O resto é boato.

— NÃO É DELA que tenho medo, doutor, mas do que ela esconde.

— Entendo...

— Acredite, doutor. Não é fácil pra mim, um homem de trinta e dois anos, deitar aqui nesse... Nesse...

— Divã.

— Isso! Nesse divã vermelho e admitir que, desde pequeno, tem medo de uma coisa tão boba assim.

O psicólogo sorriu.

— Não se preocupe, senhor Rafael. Seu segredo está seguro aqui. Garanto que ninguém saberá o que aconteceu aqui. Vê? — apontou as paredes da sala. — Não temos câmeras nem gravadores. O que o senhor disser será esquecido assim que resolvermos seu problema.

— É que isso é um medo tão... Infantil.

— O senhor está muito enganado, Rafael. Não há medos infantis. Muitos adultos temem o escuro. Até eu, às vezes, fico um pouco assustado.

— Não temo o escuro, doutor. Tenho medo da noite em geral. Andar pelas ruas escuras, dormir sozinho e com as luzes apagadas... E quando a noite é de lua nova, então?! Nossa! Nem de casa eu saio.

— Fica no quarto, com a porta trancada e as luzes acesas. Rezando, talvez.

— Exatamente. Como você sabe?

— É o que costume fazer. Mas, ao invés de rezar, costume cantar alguma coisa. Além disso, como já disse, senhor Rafael, o senhor não é o único com medo do escuro... Da noite, desculpe. Todos temem o que não conhecem. Mas... Diga-me uma coisa: como isso começou? Você lembra?

— Ah, sim. Daquela noite eu nunca mais esqueço. — ambos se mexeram. Um desconfortável, o outro curioso. — Eu tinha oito anos de idade e lá fora caía uma chuva pesada. Trovejava muito. Em cada trovão, meu coração pulava uma batida. E meus pais tinham ido ver um amigo deles. — sua voz ganhava tons de medo. — Já era tarde, então fui deitar. Humpf.

— Típico. Cobriu a cabeça e guardava um grito a cada trovão. Acertei?

— Certo. Toda criança faz isso. Mas aí... Foi que aconteceu. Comecei a ouvir um sussurro no canto do meu quarto. No começo, achei que fosse o som de minhas pernas raspando no cobertor, mas depois... Começou a ficar mais alto. Não sei. Era compassada. Descubri os olhos e olhei para onde vinha o som.

— E o que tinha lá?

— Doutor. O senhor vai mandar me internar depois disso.

— Deixe essa parte comigo. — brincou ele, tirando risadas abafadas do paciente.

— Bem... Tinha alguma coisa lá no canto. Uma sombra. Ela ficava mexendo o corpo pra frente e pra trás. Era como se estivesse ansioso demais, sabe? Aí deu um relâmpago. — o homem tapou os olhos com as mãos. — Doutor, aquilo era um demônio! Tenho certeza disso. Certeza absoluta.

— Continue.

— Ele tinha cabelos escuros e a pele branca. Mas os olhos... Meu deus do céu, os olhos! Eram brancos... Meio avermelhados, sabe? Mas o que me chocou mais foi o sorriso. Puta que pariu! Era o sorriso do capeta! Duas fileiras de dentes pontiagudos sorrindo pra mim. Parecia estar se divertindo. — baixou as mãos e olhou o outro. — O que o senhor acha, doutor?

— Você continua vendo essas coisas?

— Não. Parou há alguns meses.

O homem levantou-se da poltrona e caminhou pela sala. Os olhos fora de foco e os braços cruzados nas costas. Parou um instante, olhando os olhos de Rafael. Então foi até a porta, trancou-a e correu de volta para a poltrona.

As luzes da sala se apagaram repentinamente, deixando os dois na completa escuridão.

— Doutor? O senhor está aí?

— Sim, Rafael, estou aqui.

— O que aconteceu?

— Acho que foi a chuva. Daqui a pouco volta, não se preocupe. Consegue me ver?

— Mais ou menos. Só a sua forma.

— Tudo bem. Escute, Rafael. Eu acredito em você, e acho que sei como ajudá-lo. Posso contar-lhe uma história, mas antes preciso saber: até onde o senhor iria para se curar desse medo?

— Ah, doutor. Eu faria tudo para poder andar tranquilo pela noite.

— Ah, Rafael... — sua voz era de pura satisfação. — Há vinte e quatro anos espero por uma resposta dessas.

— Como assim, doutor? — o homem não entendera. — Que resposta?

— Vou contar minha história... Tudo bem?

— Tá.

— Quando era mais jovem, em chuvas fortes com vários raios, eu costumava correr para o quarto, e ficar espremido no canto oposto ao da porta.

— Ué... Por que o senhor não deitava na sua cama?

— Quem disse que o quarto era meu, Rafael?

Uma música sussurrada chegou aos ouvidos de Rafael, fazendo-o estacar no divã. Olhou para o psicólogo. Sua forma não mudara... Então... De onde vinha aquele som? Onde estava a criatura? Vasculhou o quarto...

Um raio cortou o céu, iluminando a saleta.

O psicólogo... Não, não era o psicólogo.

Os olhos brancos... O sorriso pontiagudo... A pele branca... O balançar na poltrona... Não... Não era o psicólogo...

Nunca fora o psicólogo.

Lágrimas de Crocodilo

João Manuel da Silva Rogaciano

João Manuel da Silva Rogaciano é engenheiro electrotécnico, português, 44 anos. Adora ler e tem um gosto especial pela escrita. Tem obtido vários prémios em concursos e certames literários. Possui contos publicados nas obras seguintes: "Contos minimalistas" (ebook - Pergaminhos editora - Brasil); "Antologia de Talentos Fantásticos 2009" (editora Edita-me - Portugal); "Histórias de Trabalho 2009" (Secretaria municipal da cultura da prefeitura de Porto Alegre - Brasil); "Prêmio Valdeck Almeida de Jesus — contos LGBT's — homenagem a Jean Wyllys" (Editora Giz Editorial - Brasil); "Contos Grotescos — prêmio Edgar Allen Poe" (edição de Paulo Soriano através da "Câmara Brasileira de novos escritores", Brasil); "Almanaque do Dr. Thackery T. Lambshead de doenças excêntricas e desacreditadas" (Editora Saída de Emergência - Portugal); "Obrigados a entrar em Braga algo desconfiados"(Edições Bracara Augusta - Portugal).

RECORDO COM SAUDADE aquele pequeno povoado, situado numa ilha perdida na imensidão do Pacífico. Os adultos viviam despreocupados e felizes. Existiam amplos espaços verdes onde as crianças brincavam e os pássaros cantavam. Era uma localidade florescente.

Esta povoação era fruto de um pequeno número de escravos em fuga, provenientes das roças de café da América do Sul, que ali chegara, anos atrás. Esse grupo, com a ajuda de um nobre caído em desgraça, fugira da propriedade de um cruel e tirano coronel e empreendera uma dolorosa e longa fuga por montes e vales, até à costa oeste do continente. Embarcaram, em segredo, numa frágil embarcação. Enfrentaram penosamente as tempestades, os ventos, a sede e a fome. Nesta fuga desesperada, muitos foram os que tombaram vitimados por doenças, cansaço, ou devido aos ferimentos resultantes dos maltratos a que tinham sido sujeitados pelo coronel. Após alguns meses de viagem extenuante, através do oceano Pacífico, chegaram a um remoto arquipélago. Temendo serem capturados pelos locais — que sabiam estarem associados a práticas de canibalismo — evitaram as ilhas habitadas e escolheram aquela que lhes pareceu mais isolada e sem habitantes.

Observando a ilha, a partir da embarcação, não se via vivalma. O aspecto era inóspito e pouco convidativo a uma estadia. Enormes rochedos ao redor impossibilitavam qualquer tentativa de desembarque. Só um pequeno porto natural, situado na ponta norte da ínsula, era viável para aceder aquele almejado pedaço de terra firme.

Constituíram um pequeno grupo de voluntários batedores para explorar a ilha, os quais desembarcaram num exíguo bote pela calada da noite, iluminados com archotes. Pouco tinham avançado quando se depararam com uma cadeia de montanhas, aparentemente inultrapassável. Era impossível ir mais além.

Preparavam-se para regressar à embarcação, quando, por um puro acaso, descortinaram uma estreita passagem, entre as altas escarpas. Exploraram-na e foram ter a um imenso e verdejante vale, rodeado pelas intransponíveis montanhas. Um vale magnífico, luxuriante, onde coexistiam belas plantas, exóticas árvores de fruto e excêntricas aves. Sem predadores naturais, os animais eram amigáveis, pacíficos. Viam-se algumas cabras e ovelhas. Um bando de macacos pulava de árvore em árvore, envolto em alegres brincadeiras. Um autêntico Éden. Divididos entre o fascínio que sentiam e o medo que pudesse estar alguém ali escondido, só descansaram quando comprovaram que, também, ali, ninguém chegara antes deles.

Comunicaram a boa notícia aos seus companheiros e, unanimemente, tomaram aquela ilha como sua possessão. Afundaram a decrépita embarcação, impossibilitando que esta viesse a ser detectada por algum navio que por ali se aventurasse.

Naquele vale encantado, longe do cruel coronel, os fugitivos iniciaram uma nova

vida como nunca antes tinham conhecido: cultivaram a terra, domesticaram animais, construíram casas, e constituíram-se em famílias. Naquele paraíso, encontraram a verdadeira felicidade.

Completamente isolados do resto do mundo exterior, os membros daquela sociedade criaram uma nova ordem onde, em vez de um regime autoritário ou escravista, a democracia era dominante e a liberdade um privilégio de toda a comunidade e não só de alguns membros. A paz era um dado adquirido.

Com o passar das gerações, o medo da perseguição foi-se esbatendo. De tempos a tempos, surgia um visitante que encontrava a povoação por acaso. Esse viandante ficava de tal forma rendido aos encantos do vale e dos seus habitantes, que ficava a viver integrado naquela sociedade. Deste modo se passaram muitos anos. Décadas. Séculos.

Agora, de forma brutal, esta florescente e bela povoação e os seus habitantes deixaram de existir. O vale inteiro foi implacavelmente bombardeado. Toda a área verdejante foi incinerada, pasto de um enorme incêndio. Os animais, encurralados pelo fogo, morreram carbonizados. As pessoas foram exterminadas. Uma a uma. No seu rosto, onde dantes se liam a paz, a alegria e a felicidade, estampavam-se agora o desespero, a dor e o estertor da morte.

Ali, onde a felicidade andou de braço dado com a harmoniosa natureza. Ali, onde os pássaros cantaram e o riso das crianças se fez ouvir, só existe o silêncio e cinzas.

Um tetraneto do cruel e tão temido coronel os encontrara finalmente, após séculos de demanda, conforme o tirano antepassado deixara estipulado, em testamento, aos seus descendentes. Depois, bastou infiltrar um dos seus homens naquela sociedade e coordenarem com ele o massacre.

É pena! Começara a me afeiçoar àquele modo de vida e já até gostava do riso das crianças. Mas, enfim, o patrão é quem manda...

— Excelência, — Vomitei as palavras para o transmissor, — comunico a V. S. Senhoria que a missão foi cumprida com êxito. O primeiro a ser executado, de acordo com as suas instruções, foi o chefe eleito da comunidade. Me encarreguei pessoalmente disso...

Fiz uma pequena pausa, ao recordar o esgar de incredulidade que se gravara na face do meu grande amigo, o chefe daquela comunidade livre, quando lhe disse quem era e desapareceu sobre ele.

Continuei o relato:

— Os descendentes dos escravos que fugiram da roça do seu inestimável e saudoso tetravô (que Deus o tenha em descanso!) foram totalmente aniquilados. A população e toda a sociedade que criaram foram reduzidas a cinzas. — Olhei para o céu. Acrescentei: — Uma imensa e densa nuvem de fumo negro cobre o azul do céu. Pouco deve faltar para as autoridades do Pacífico virem investigar a origem do fumo. Os homens que executaram o trabalho já se retiraram, temendo retaliações das polícias. Parto, também, antes que me descubram e me encarcerem. Missão integralmente cumprida.

Desliguei, após ouvir o "Roger" que confirmava a recepção da mensagem. Guardei o equipamento e me apressei a sair dali. Daquela terra. Antes, verdejante; agora, queimada. Antes, viva; agora, morta. Antes, abençoada; agora, maldita!

Recordo com saudade aquele vale, onde os pássaros cantaram e onde o riso das crianças se fez ouvir.

Sobre a Infinitum Libris

A Infinitum Libris é uma iniciativa do grupo Infinitum em parceria com a X4IDS (www.x4ids.com.br). Nosso objetivo é difundir e fomentar a produção e a leitura de e-books de literatura em língua portuguesa. Oferecemos aos autores suporte editorial e tecnológico para suas obras, sempre oferecendo uma estratégia diferenciada para cada projeto.

Conheça mais sobre nosso trabalho.

www.editorainfinitum.com.br

Submissão de originais:

<http://editorainfinitum.com.br/submissao-de-originais/>

Loja online:

<http://editorainfinitum.com.br/loja/>

Proximas publicações:



ELEMENTAIS

Elementais é um misterioso jogo que atraiu a atenção dos gêmeos Gabriel e Felipe. Curiosos, eles se dirigem ao píer Éida, frequentado por adolescentes barra pesada que praticam a brincadeira proibida. Lá, os irmãos descobrirão que nada é o que parece. Nem mesmo suas próprias vidas...

Mais informações: <http://www.quadrinize.com/editorial/>



Nessa nova antologia, os deuses agirão conforme a onipotente vontade do autor. O que eles estão fazendo hoje pela – ou COM – a humanidade? Quais são suas motivações? Eles são amorosos ou terríveis? Por onde andam as divindades de povos extintos? Como eles agiriam nos dias de hoje? À moda antiga ou aderindo à tecnologia? Guerras contemporaneas podem ser decididas em um conflito cósmico de titãs, homens ricos, poderosos e grandes governantes do mundo moderno podem se revelar semi-deuses ou messias. O mendigo da esquina pode ser o Grande Arquiteto do Universo, apenas a nos observar.

Os deuses podem estar onde menos se imagina.

Mais informações:

<http://editorainfinitum.com.br/2011/02/concurso-literario-deuses/>



INFINITUM
EDITORA VIRTUAL

{1}. Um inocente

{2}. Homens brancos

{3}. pessoa honrada

{4}. Armadilha

{5}. Vampiros da floresta

{6}. Lua

{7}. Diabo velho, ele é o protetor da caça no campo e nas florestas; Anhangá protege todos os animais contra os caçadores e quando a caça conseguia fugir os índios diziam que Anhangá ou Anhanguera as havia protegido e ajudado a escapar.

{8}. Ritual das almas.

{9}. Rios grandes e rios pequenos, respectivamente.